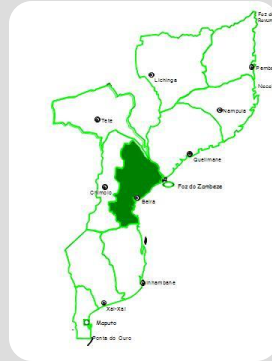


BAZARCONOMIA DE MOÇAMBIQUE: ECONOMIA DE SOFALA E DESAFIOS



António A da Silva Francisco*

Beira, 23 de Setembro 2008

Apresentação realizada no *Seminário sobre a Economia de Sofala*,
de 23 e 24 de Setembro 2008 na Universidade Jean Piaget de
Moçambique, Beira (Inhamítua).

(*). Professor Associado da Faculdade de Economia da Universidade Eduardo Mondlane e
Director de Investigação do Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE).

Nota do Autor

Este file corresponde à apresentação do autor, no *Seminário sobre a Economia de Sofala*, de 23 e 24 de Setembro 2008, na Universidade Jean Piaget de Moçambique, Beira (Inhamítua). O file inclui algumas passagens do draft do texto principal, em que a apresentação se baseou. A divulgação deste file surge em resposta à solicitação de vários interessados, particularmente dos estudantes da Universidade Jean Piaget que pediram que slides fossem disponibilizados. Brevemente, o artigo completo será tornado público na “Colecção de Discussion Papers do IESE”.

Agradeço ao Prof. João Mosca pelo convite para o Seminário que organizou, e em particular pelo desafio para dissertar sobre a Economia de Sofala. Agradeço também os comentários, dúvidas e sugestões efectuados durante o Seminário.

Outros comentários, dúvidas e críticas à presente apresentação e à abordagem aqui defendida serão bem-vindos, podendo ser enviados para os seguintes endereços electrónicos:

antonio.francisco@iese.ac.mz
aasfrancisco@gmail.com

DUAS QUESTÕES PRINCIPAIS EM DEBATE

1. **Qual é o tamanho do “PIB” da Economia de Sofala? Por outras palavras, quanto tem produzido a Província de Sofala, nos anos recentes?**
2. **Qual seria o “PIB” de Sofala se a Economia de Moçambique fosse uma economia maioritariamente de mercado, liderada por um sector minimamente capitalista, economicamente saudável e produtivo?**

NOTA: PIB significa Produto Interno Bruto. Ao nível desagregado, regional, provincial ou distrital, a expressão correspondente à designação PIB seria Produto Geográfico Bruto (PGB). Porém, por uma questão de simplificação da terminologia, a designação usada genérica será PIB, com a indicação explícita sobre o referencial considerado, nacional, regional ou provincial.

RESUMO DO ARGUMENTO

De forma resumida, o principal argumento defendido nesta apresentação, é que a Economia de Sofala representada pelo PIB provincial, atingiu no período 2000-2007 uma média de 600 milhões de USD. Tendo crescido a uma taxa média de 7,4% por ano, significa que em termos absolutos a economia desta província cresceu nos últimos sete anos cerca de 45 milhões USD por ano. Todavia, se Moçambique possuísse uma economia maioritariamente de mercado, liderada por um sector capitalista minimamente produtivo, dinâmico e saudável, a Economia de Sofala poderia ser pelo menos 10 vezes maior do que é actualmente. Ou seja, teria a dimensão do actual PIB Nacional, enquanto este, em vez dos cerca de 7 mil milhões de USD, poderia rondar entre 70 a 100 mil milhões de USD, classificando-se entre o PIB do Kwait e o da Nova Zelândia (considerando os valores do UNDP, 2007).

INTRODUÇÃO (1/7)

“A amplitude do que pensamos e fazemos está limitada por aquilo que nos escapa. E, porque não nos damos conta do que nos escapa pouco nos resta fazer para mudar; até nos apercebermos de como o facto de não nos darmos conta condiciona os nossos pensamentos e os nossos actos” (Covey, 2005: 47)

O universo total económico de uma determinada região (quer seja país, estado ou província) é uma entidade muito maior e mais complexa do que aparece representado nos indicadores de medida e nas análises sobre as relações de interdependência entre as actividades económicas contempladas.

Os economistas sabem bem disso. Sabem que a totalidade da realidade económica vai muito além da própria conjugação dos três sectores vulgarmente considerados: privado, público e doméstico. Todavia, por necessidade de simplificação da abordagem, ou dificuldade de obtenção de dados quantitativos; ou ainda por assunção ou uso inadequado e abusivo das ferramentas analíticas e metodológicas disponíveis, muitos economistas acabam por assumir que a totalidade da actividade económica é satisfatoriamente representada por indicadores como o “produto interno bruto” (PIB).

Não esperem que esta apresentação procure convencer-vos que poderemos aprender mais sobre a realidade económica abandonando indicadores como o PIB. Os economistas que não olham para a teoria económica com espírito de fé e dogmatismo sabem apreciar o humor contido em expressões irónicas como as seguintes: “O PIB deveria realmente simbolizar um produto grandemente ilusório” (*The Economist*); ou o PIB seria mais realista se fosse interpretado como “Produto Indevidamente Baço” (Toffler e Toffler, 2007: 173).(*)

(*) Existe uma crescente literatura internacional que procura converter o PIB convencional num indicador mais abrangente e representativo da economia total. Noutra oportunidade valerá a pena sistematizar tal literatura, nos aspectos relevantes para o que entendo ser o domínio da bazarconomia, ou o bazar constituído por múltiplos universos económicos. Por enquanto, os exemplos seguintes são suficientes para exemplificar este domínio de investigação: Becker (1965, 1981), sobre a alocação do tempo e o trabalho da família; Snooks (1994) sobre a economia total na Austrália; os Tofflers (2006) sobre a produção prosumer; o IPG (indicador de progresso genuíno) da feminista Marilyn Warin; o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH); o PIB verde e Índice de Felicidade Mundial, resultantes da ideia que o PIB e o IDH não tomam em consideração a sustentabilidade.

.... INTRODUÇÃO (2/7)

Um dos desafios actuais na pesquisa económica aplicada, gira em torno do esforço em superar as limitações de indicadores como o PIB, com vista a esboçar análises que ampliem a sua abrangência, realismo e representatividade da economia total existente na realidade. Este desafio pode não ser tão empolgante e complexo em economias capitalistas desenvolvidas, com bons sistemas de registo e mercados unificados e abrangentes. Mas em economias emergentes, opacas, obscuras, fluidas e cheias de contradições, para além do estudo sistemático, competente e rigoroso, precisamos de uma grande dose de imaginação, inovação e criatividade. É o caso em Moçambique, incluindo quando queremos estudar micro economias como a que motivou este seminário: a economia de Sofala.

Como se pode depreender da citação de Covey em epígrafe, se aquilo que pensamos e fazemos deixa escapar parte significativa do que é relevante para entender a realidade, enquanto não reconhecermos a sua importância pouco nos resta fazer para a mudar e melhorar. Isto coloca um desafio específico à nossa imaginação.

Seremos nós capazes de imaginar quanto poderia melhorar o nosso entendimento sobre a realidade económica e social, de Moçambique e em particular de Sofala, se conseguíssemos assegurar que a realidade económica total é captada pelos indicadores e as análises?

Quando me refiro à economia total, refiro-me ao imenso universo existente para além da economia formal tomada em consideração; as muitas outras actividades produtivas e financeiras potencialmente valorizáveis em termos económicos; desde actividades monetárias legais e extra-legais, informais legítimas e informais ilegais ou delituosas; a gama de activos e relações sociais artificialmente excluída do sistema económico e da contabilidade nacional; e ainda os domínios não-monetários, para os quais os Tofflers até inventaram uma palavra (“prosuming”), que abarca a produção e consumo não destinados à compra e venda no mercado.

.... INTRODUÇÃO (3/7)

Seremos capazes de imaginar o imenso iceberg submerso, oculto e inacessível às ferramentas da observação e registo convencionais? De que tamanho seria o PIB de Moçambique se aquilo que deixamos de lado, deliberadamente ou não, mesmo sabendo que exerce um forte impacto na economia formal, fosse contemplado nos registos e tomado em consideração nas políticas e decisões governamentais e empresariais? Qual a dimensão do universo de factores produtivos e de relações extra-legais, ocultas e supostamente paralelas, por serem deliberadamente excluídas das contas nacionais?

Nesta apresentação compartilharei alguns dos resultados preliminares em resposta às questões anteriores. São resultados obtidos no processo de preparação e análise dos dados estatísticos relevantes para este Seminário, em que me pediram para dissertar sobre a **Economia de Sofala e seus Desafios**. Que economia é esta? Qual o seu tamanho, estrutura, composição, características, dinâmica, contradições, perspectivas e desafios?

Não vou poder entrar em detalhe sobre todas estas interrogações. Na verdade, atendendo ao estado do nosso conhecimento sobre o assunto em debate, talvez seja mais útil procurar responder bem a uma ou duas questões, do que tentar responder mal a uma dúzia delas.

As duas interrogações que me parece justificar a nossa atenção nesta apresentação são as questões que anunciei no slide 3:

1. Qual é o tamanho do PIB de Sofala?
2. Qual seria o PIB de Sofala se a economia de Moçambique fosse uma economia maioritariamente de mercado, liderada por um sector capitalista, minimamente produtivo, saudável e viável?

.... INTRODUÇÃO (4/7)

Teria pouco sentido questionar os indicadores económicos convencionais se tais indicadores reflectissem razoavelmente bem o universo económico global. Mas mesmo se indicadores como o PIB captam, de forma satisfatória e fidedigna, a realidade que antecipadamente se assume ser relevante captar, isto por si só, não responde ao dilema colocado por Covey, na citação acima referida. Se nem tão pouco damos conta do que nos escapa e é deixado fora do indicador ou da análise, pouco nos resta fazer para mudar e melhorar a nossa visão sobre a realidade.

A amplitude e natureza do que poderemos pensar da dimensão do PIB poderá variar muito, dependendo da forma como o imaginamos. É muito diferente imaginar-se o PIB como se fosse um navio a flutuar num imenso oceano, do que um iceberg em que a parte visível correspondesse ao que consideramos ser o PIB. Independentemente do tamanho da entidade representada, se tomarmos o PIB como um navio (paquete, petroleiro, um barco médio, ou uma simples almadia), o tipo de análise, seria diferente da que era preciso fazer para estimar a dimensão da parte submersa e não imediatamente captada pela ponta do iceberg (o PIB).

Mesmo estas metáforas (navio, iceberg) só de forma limitada podem servir para ilustrar o problema de investigação que me motivou a considerar a economia de Moçambique como um bazar de múltiplos universos económicos.

Se tivéssemos garantia que aquilo que convencionalmente assumimos como o tamanho do PIB fosse razoavelmente representativo do universo económico nacional, o assunto que levanto, seria irrelevante ou um mero preciosismo de interesse puramente académico, para ocupar investigadores com dificuldades de identificação de assuntos práticos relevantes. Poderá acontecer em países com economias consolidadas e solidamente estruturadas, por um sistema capitalista desenvolvido.

.... INTRODUÇÃO (5/7)

Como irei mostrar, não é o caso da economia moçambicana. E não sendo, o que se poderá então fazer? Existem pelo menos três opções possíveis: negar, ignorar e reconhecer a discrepância ou problema identificado.

NEGAR e IGNORAR: A opção de escamotear aquilo que nos escapa à observação explícita, pode variar entre a negação dissimulada e recusa em aceitar, que aquilo que está fora do indicador é relevante, significativo ou determinante para entender a realidade. Esta opção pode derivar de diversos causas: por convenção e recusa em abandonar o que oficialmente se assume ser importante; por simples comodismo, teimosia e conveniência de qualquer outro tipo; por receio que a mudança piore a imagem da situação ou medo do imprevisível. A lista de motivos poderia alongar-se, mas estes exemplos são suficientes.

RECONHECER – A alternativa às variantes anteriores, negação e escamoteamento dissimulado ou brando, é o reconhecimento aberto e franco da existência de uma realidade mais ampla e complexa, do que os nossos indicadores revelam. Esta opção pressupõe um requisito simples mas muito importante: franqueza.

Quanto maior for a falta de franqueza, maior será o risco de se preservar uma má compreensão da realidade. Quando falo de falta de franqueza, não é no sentido de desonestidade deliberada ou maliciosa. Franqueza, neste caso, tem a ver com reconhecimento aberto, transparente e partilhado frontalmente, com vista a permitir que as ideias mais inteligentes e úteis, sejam rápida e devidamente aproveitadas. Mesmo a falta de franqueza por boas intenções – para evitar tristeza ou dor numa determinada pessoa, por simpatia ou incapacidade de dizer não, receio de apontar algo mal feito, particularmente por superiores – pode tornar-se letal (Welch, 2007: 29).

.... INTRODUÇÃO (6/7)

A necessidade de franqueza surge tanto nas relações sociais, políticas ou na gestão empresarial, como na actividade de pesquisa e análise científica e académica. Por isso, ao elaborar o presente trabalho, uma das minhas preocupações, foi tentar preparar uma análise tanto quanto possível franca e realista. Acredito que a franqueza permitirá fortalecer a confiança entre o investigador e os beneficiários da investigação, entre os estudantes e o professor, fortalece também as relações saudáveis entre as pessoas de uma sociedade.

Infelizmente, em Moçambique a confiança é um dos bens mais escassos. Mas se acreditarmos no papel e no valor que a confiança desempenha na sociedade, então deveremos investir nesse pilar fundamental da vida e das relações sociais. Ela afecta tudo, desde a amizade ao amor; do negócio das empresas à estabilidade do mercado financeiro; da decisão de investir num país, ou à reconsideração e mudança do investimento para outra região. Procure-se onde quiser, em toda a parte na vida em sociedade, sem confiança, dificilmente se pode esperar acção rápida, envolvimento, empenho e progresso real.

Quando as evidências mostram que a porção relevante da actividade económica contabilizada representa uma módica percentagem das transacções económicas reais, como acontece em Moçambique, não reconhecer tal facto com fraqueza, é contribuir para a alienação, e eventual destruição da confiança na investigação científica e nas relações humanas.

Esta é a principal razão que me levou a inventar a palavra que se encontra no título – “Bazarconomia!”. Esta palavra não existe nos dicionários comuns ou especializados. Mais adiante, detalharei sobre o seu significado, utilidade analítica e metodológica, na aplicação à realidade económica de Sofala.

.... INTRODUÇÃO (7/7)

Assim, esta apresentação divide-se em três partes:

1ª PARTE – Enquadramento Empírico e Conceptual: Trata da estrutura conceptual, tanto analítica como metodológica. De forma sintética, parece-me cada vez mais necessário ultrapassar tanto as abordagens económicas dualistas, como as abordagens declaradas holísticas, mas que permanecem reféns de conceitos restritivos, tais como: equilíbrio, economia de mercado, luta de classes. Alternativamente, recorro à ideia de bazarconomia, para destacar o papel de múltiplos universos na economia nacional, aparentemente paralelos e autónomos, mas na realidade intimamente interligados num autêntico bazar económico.

2ª PARTE – Contexto da Economia de Sofala: De forma breve, procuro equacionar o tamanho da economia de Sofala, no contexto mais amplo da dimensão da economia da África Subsariana, da economia nacional e regional (o Vale do Zambeze).

3ª PARTE – Economia Visível e Invisível em Sofala: Identifica algumas das características dos vários universos económicos, que constituem o bazar da economia nacional moçambicana.

Por limitação de tempo, a apresentação será breve e ilustrativa, procurando basicamente responder às duas questões colocadas no início sobre o tamanho do PIB, tanto na forma como é actualmente estimado (visível), como na forma hipotética, incluindo o possível contributo dos diversos universos económicos.

I PARTE:

ENQUADRAMENTO EMPÍRICO E CONCEPTUAL

I PARTE: ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

Pontos Abordados no Texto Principal:

1. Antecedentes e Base Empírica do Estudo

2. Enquadramento Analítica do Trabalho

2.1 Mudança forçada, força da mudança ou forçar a mudança?

2.2 A Edm não ilumina?

2.3 O que é Economia de Mercado?

- Uma forma de disfarçar o que se faz, encobrir o que se quer fazer ou não fazer?
- Economia de mercado ou da economia (da) política?
- Capitalismo em Moçambique é marginal, incluindo o dito “selvagem”.
- O poder político é quem mais ordena
- Socialismo morreu? Mas seu coração ainda bate!

2.4 Liberalismo à Moçambicana ... para Doador Ver

- Deixa-andar, deixa-fazer e nem-deixa-andar
- Considerações críticas sobre as teorias económicas
- Depois de se deitar for a o bebé com a água suja ... fazer outro?

2.5 Bazarconomia

- Definição de Bazarconomia
- Matriz do multiverso económico em Moçambique: economia formal, economia informal, economia *prosumer* e economia subterrânea.

2.6 Um Cenário imaginário:

- Soros em Maputo ... aceitaria investir em Sofala?

Antecedentes e Fontes Empíricas do Estudo ... (1/2)

Não sei o que esta audiência sabe sobre a Economia de Sofala, em termos da sua dimensão, dinâmica, estrutura, composição e relações de produção específicas. Mas não duvido que uma boa parte, conheça muito mais do que eu, dispondo de exemplos sobre o seu quotidiano, progresso, interacções e dificuldades. Espero por isso, ter a oportunidade de testar se o que vou dizer em seguida, faz sentido e ajuda a considerar o país real; neste caso, a província real desta região, centro de Moçambique.

As principais fontes empíricas em que este trabalho assenta são:

1. O RDHN1999: Este trabalho apresenta a primeira metodologia de desagregação do produto interno bruto (PIB) em Moçambique; primeira no sentido abrangente, envolvendo as grandes regiões (norte, centro e sul) e as províncias administrativas do País, que felizmente o INE aproveitou e tem actualizado com regularidade:

- **Os desafios daquela investigação**
- **Uma experiência interessante entre o politicamente correcto, a auto-censura investigativa e o clientelismo dos parceiros.**

2. Perfis provinciais da pobreza e desenvolvimento (2000): Para além da informação estatística diversa, estes perfis esboçaram projecções demográficas e económicas provinciais até ao ano 2010.

- **Depois do Censo 2007 e recentes actualizações de outros dados pelo INE**
- **Estamos a entrar num bom momento para balanço da evolução recente.**

... Antecedentes e Fontes Empíricas do Estudo (2/2)

3. Em 2004 contribuí para um esboço de **estratégia de crescimento do Vale do Zambeze**, em resposta a um pedido do GPZ e do DBSA.
 - O Director do GPZ optou por engavetar a proposta, em vez de o partilhar e colocar a debate dos interessados.
 - O documento era demasiado avesso ao modelo de economia maioritariamente controlada ou tutelada; demasiado liberal para o gosto de quem lidera o GPZ.

4. Em 2006 procurei estimar a **dimensão da informalidade em Moçambique** e seu impacto na pobreza e na protecção social, nomeadamente:
 - Dimensão da informalidade dos factores de produção: terra, trabalho e capital financeiro.
 - Estudo realizado para o Cruzeiro do Sul

[http://www.iid.org.mz/impacto da economia informal.pdf](http://www.iid.org.mz/impacto_da_economia_informal.pdf)

5. Diversas outras fontes nacionais (INE, Banco de Moçambique) e internacionais (e.g. Banco Mundial, PNUD (2007)).

Enquadramento Analítico do Trabalho ... (1/11)

- Em Moçambique, há cerca de um quarto de século, sobretudo após a aprovação da sua 2ª Constituição da República (1990), tem sido comum designar-se a economia moçambicana como uma economia de mercado. O significado desta designação raramente é definido. No texto da Constituição, tanto de 1990 como de 2004, em nenhum instante a expressão ‘economia de mercado’ é usada, muito menos definida. Em todo o texto constitucional a palavra ‘mercado’ é usada uma única vez. O Artigo 97 “Princípios Fundamentais”, reconhece as ‘forças de mercado’ como um dos alicerces da organização social e económica da República de Moçambique.
- **Será a economia de Moçambique uma economia de mercado**, como tanto se apregoa e se assume como inquestionável?
- **Que tipo de mercado é este**, onde os principais activos do país, por imposição jurídico-administrativo só entram no mercado nacional por via informal e/ou mesmo ilegal?
- Quanto à propriedade privada, é uma expressão que figurava na Constituição de 1975 em referência às suas obrigações e deveres, mas nas Constituições de 1990 e 2004 nem mencionada é. O trauma ideológico persiste, preconceitos e tabus fazem com que a propriedade privada seja tratada, oficialmente como uma intrusa indesejada, oficiosa e informalmente como são tratadas quaisquer nacionalidade que os cidadãos por ventura possuam ou tenham direito a possuir.
- Qual a dimensão do mercado que não é oficialmente contabilizado, por ser extra-legal, legítimo ou ilegítimo e ilegal, ou ainda por ser deliberadamente excluído?

... Enquadramento Analítico do Trabalho (2/11)

Há duas semanas atrás, fiz a primeira referência pública ao conceito de BAZARCONOMIA, por ocasião da apresentação de um livro sobre Protecção Social em Moçambique. Em relação à afirmação do autor deste livro, que Moçambique possui um modelo de 'economia de mercado', questionei:

Quantos políticos e pesquisadores moçambicanos acreditam mesmo que o capitalismo, ao promover níveis desiguais de prosperidade, é melhor do que um sistema que produz miséria igual para todos, como aconteceu com o modelo socialista que no passado experimentamos?

(Francisco, 2008).

http://www.iese.ac.mz/lib/noticias/Quive_Proteccao_social_em_Mocambique_rede_furada_Apresentacao_do_livro11.09.08.pdf

Deixei a questão no ar, adiantando apenas que tenho andado a desenvolver o conceito de BAZARCONOMIA. Bazarconomia significa o estudo do bazar económico de Moçambique. Mais adiante apresentarei uma definição mais elaborada.

... Enquadramento Analítico do Trabalho (3/11)

Durante o semestre passado, nas minhas aulas de Economia de Desenvolvimento, no tópico sobre modelos económicos, desafiei o meus estudantes a analisar a RACIONALIDADE ECONÓMICA (Diniz, 2006) prevalecente na actual economia de Moçambique:

- Qual a racionalidade económica do provérbio popular:

“O CABRITO COME ONDE ESTÁ AMARRADO”?

- Será que o cabrito continua a comer onde está amarrado? Ou começou a amarrar-se onde quer comer? Ou como dizem outros, está completamente à solta?

Inicialmente, os estudantes acharam o assunto engraçado e banal. Mas depois de alguma insistência, começaram a ver que os modelos matemáticos que aprendem na teoria económica, deveriam ser testados com questões empíricas deste tipo.

PONTO FUNDAMENTAL: Se tomarmos a economia de mercado como dada, acabaremos por deixar a maior parte fora de consideração. Por isso, digo que o

A EDM NÃO ILUMINA.

O texto principal debate a questão do vazio da expressão “economia de mercado”, relacionada à discussão com diferentes perspectivas sobre Economia Política versus Economia de Mercado (Castel-Branco, 2008; de Soto, 2002; Galbraith, 2004; Hamela, 2003; Marx, 1895; Mosca, 2005; Soros, 1999).

... Enquadramento Analítico do Trabalho (4/11)

A designação “ECONOMIA DE MERCADO” tornou-se uma expressão muito conveniente, apesar de ser totalmente vazia de conteúdo:

- **Para disfarçar o que se faz, encobrir o que se quer ou não fazer, sem nada reconhecer.**
- **“Num país de faz de conta, tudo acaba em tanto faz” (Francisco e Paulo, 2006)**
- **A ideia de se edificar um sistema capitalista não é bem vista, tanto pelos ideólogos do socialismo científico, como pela mentalidade colectivista pré-capitalista. Mas capitalismo em Moçambique é marginal, mesmo o dito “capitalismo selvagem”**
- **O poder político é quem mais ordena – por isso, no Índice de Liberdade Económica (ILE) a economia de Moçambique figura como uma ECONOMIA MAIORITARIAMENTE CONTROLADA. Há dez anos atrás era uma ECONOMIA REPRIMIDA.**
- **O socialismo morreu? Mas o seu corações ainda bate! Prevalece a propriedade absoluta do Estado, que na prática informaliza as relações fundiárias, convertendo os camponeses e empresas agrícolas em meros inquilinos do Estado. Não admira, por isso, que o cidadão continue a tratar a terra como tratou os Prédios alugados à APIE. Um activo sem valor de mercado no mercado formal, mas valorizado no mercado informal, legítimo e ilegal.**

...Enquadramento Analítico do Trabalho (5/11)

BAZARCONOMIA – O QUE É?

Em duas ou três palavras o que significa
'bazarconomia'?

Significa "economia de bazar".

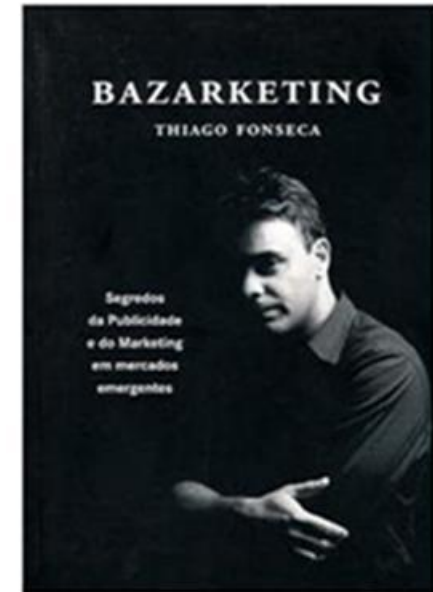
Esta designação inspira-se em duas fontes:

- na sugestão do livro do mais bem – sucedido publicitário moçambicano em Moçambique – BAZARKETING – de Tiago Fonseca;
- a outra fonte, são os trabalhos de pesquisa anteriores em que cheguei à compreensão que:

O multiverso da economia total de um país ou uma região, neste caso Moçambique e particularmente Sofala, é uma entidade muito maior e complexa do que aquela que é representada pelo valor e as interacções do universo do mercado formal.

Que multiverso é este?

Poderemos identificá-lo na Economia de Sofala?



Bazarketing: "a palavra marketing vem de market que significa mercado. Mas, quando esse Mercado ainda não existe, e se comporta como um Bazar, que outro nome se poderia dar? Isso mesmo, Bazarketing!"

...Enquadramento Analítico do Trabalho (6/11)

O que se pretende com a ideia de bazarconomia?

Pretende-se identificar e estudar o multiverso económico que constitui a economia de Moçambique, ou parte dela, neste caso a Economia de Sofala. Por multiverso entendo o conjunto de universos paralelos, em que cada universo se constitui como um organismo dinâmico e com estrutura própria.

O multiverso económico inclui diversos universos:

- **Monetizado ou não-monetário,**
- **Formal (legal e legítima, parte da qual contém elementos das outras economias)**
- **Informal legítimo (o comércio de rua, a ocupação espontânea da terra),**
- **Informal oculto ou ilegítimo (contrabando, lavagem de dinheiro, economia da droga, tráfico),**
- **Prosumer (auto-consumo e produção não-monetário)**
- **Excluído por opção político-administrativa (a terra).**

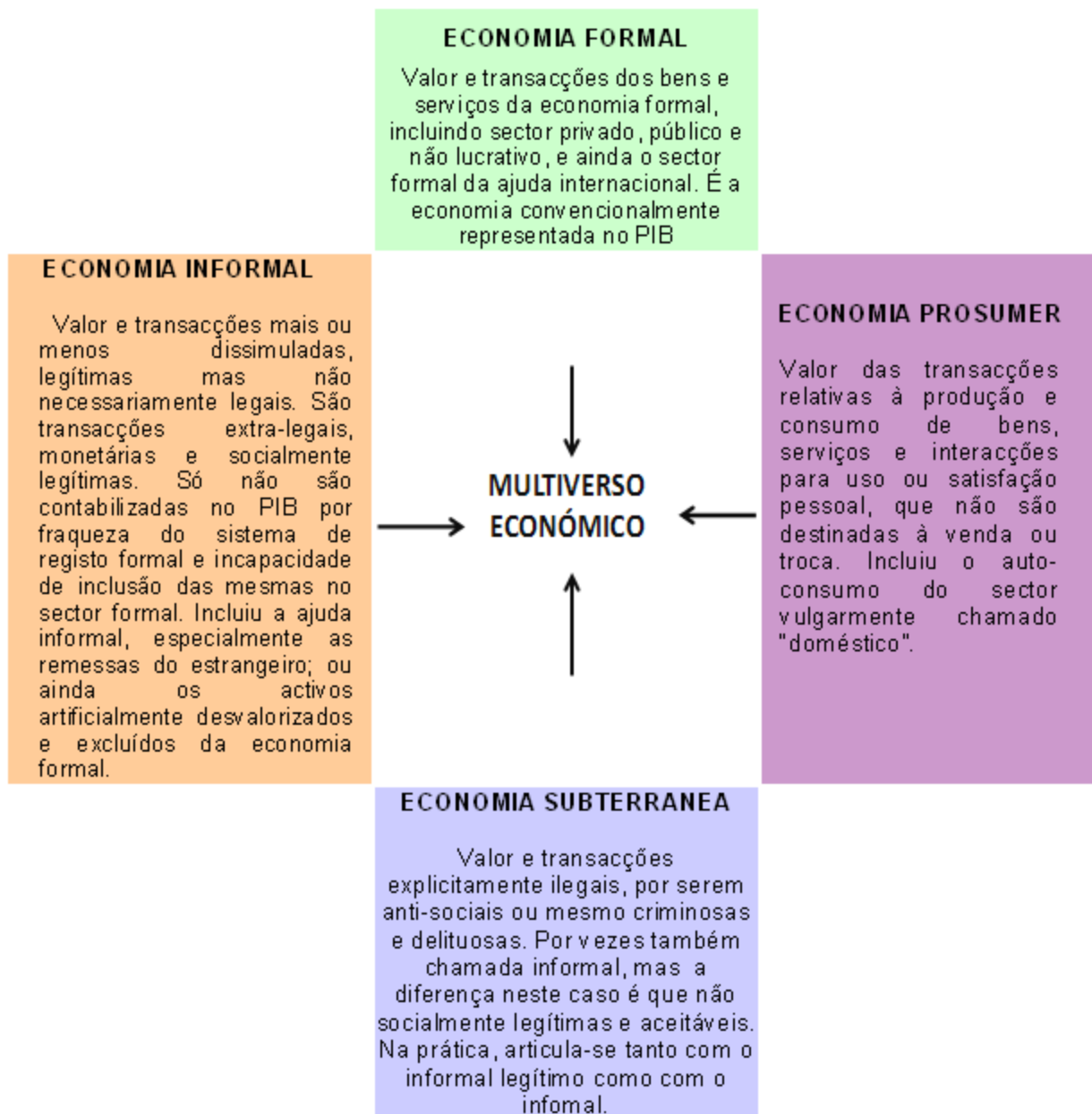
“Multiverso” – O conceito de multiverso, outrora considerado pura especulação, ou mesmo ficção científica, é actualmente considerado essencial para a compreensão do universo astrofísico (Deutsch, 2000; Kaku, 2006: 395). Significa universos múltiplos, ou também designados paralelos. De igual modo, também na economia o conceito multiverso poderá ajudar a superar duas das abordagens económicas dominantes: a visão dualista da economia e a abordagem holística.

“Prosumer” – Palavra inventada por Alvin Toffler para representar a produção e consumo de bens, serviços e experiências para uso ou satisfação pessoal, em vez de serem destinados à venda ou troca (ver Alvin e Heidi Toffler, 2006, in *A Revolução da Riqueza*, p. 167).

...Enquadramento Analítico do Trabalho (7/11)

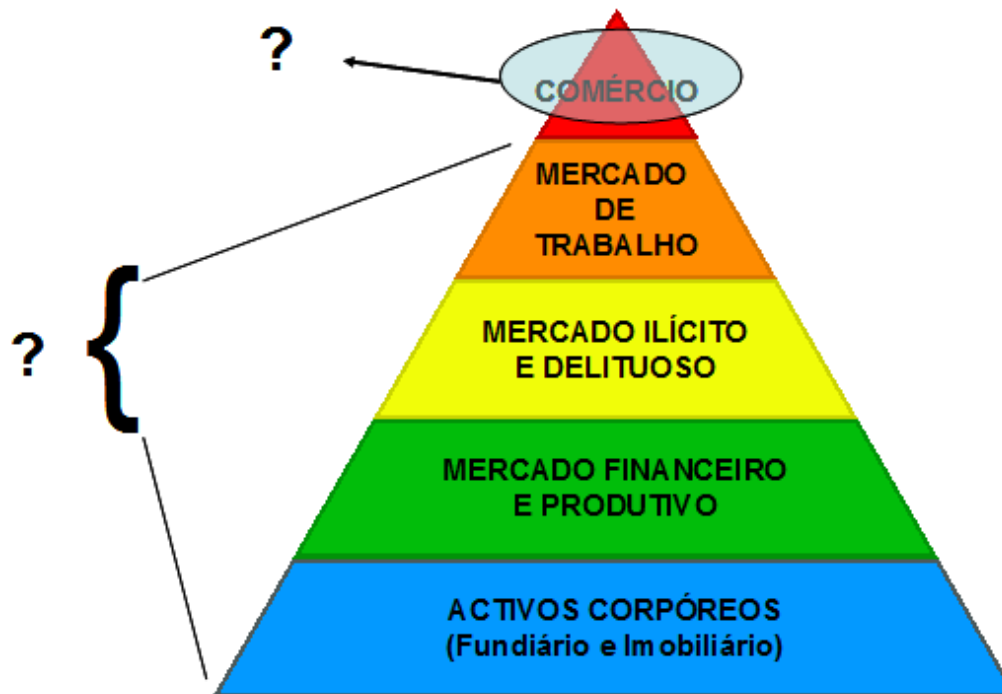
O Multiverso Económico em Moçambique

1. Admitindo que a economia de Moçambique é uma espécie de bazar que congrega uma constelação de universos económicos paralelos, tais universos incluem:
 - O Mercado formal – (este contém muitos infiltrados dos outros; exemplo:
 - O autoclismo de 300 MT e a pequena peça interior (miolo) de 800 MT
 - A construção de edifícios com financiamento de proveniência duvidosa
 - O informal legítimo, nas esquinas, na ocupação informal de terras, etc.
 - O Informal ilegítimo e ilegal - proibido por lei, tráfico de droga, de pessoas, de armas e contrabando diverso.
 - O mercado de terra formal e informal (compra ao Estado e compra ao dono ao preço do mercado informal).
 - O crime organizado ou desorganizado (aluguer e venda de armas)
 - O excluído administrativamente
2. Estes diferentes universos económicos podem ser organizados numa matriz, como a que se apresenta na página seguinte:



No estudo de 2006, sobre a dimensão da informalidade na economia e sociedade em Moçambique, foi possível demonstrar que aquilo que vulgarmente se toma como informal não passa da “ponta do Iceberg”, como mostra a pirâmide seguinte.

Figura 1: Pirâmide da Informalidade na Economia Moçambicana



“Informalidade” – É o conjunto de relações extra-legais e sem enquadramento legal, porque o quadro legal institucional prevalecente não possui, ou deixou de oferecer tal enquadramento, incluindo para actividades social relevantes e legítimas. No sentido mais extremo, o informalidade incluiu também as actividades ocultas ou subterrâneas, que são consideradas ilegais por serem socialmente prejudiciais.

Ainda o estudo de 2006, reúne inúmeras evidências empíricas sobre a forma como as instituições ou “regras de jogo” determinam a maior ou menor dimensão da informalidade. As evidências empíricas indicam uma forte correlação entre o nível de informalidade e os níveis de protecção da propriedade, riscos de pobreza e insegurança social.

Registo, Identidade, Propriedade e Mercados versus Informalidade e Protecção Social



...Enquadramento Analítico do Trabalho (11/11)

O texto principal apresenta considerações críticas sobre as teorias económicas, tanto as convencionais (clássica e neoclássica) como as alternativas (e.g. marxista, reflexiva).

A perspectiva da bazarconomia defende uma abordagem multiversa, o que difere tanto das abordagens dualistas (monetário vs não-monetário, ou público vs doméstico) como as auto-proclamadas holísticas. Estas últimas geralmente deixam de lado parte dos universos económicos que directa ou indirectamente influenciam a economia formalmente reconhecido. Tal abordagem poderá ser aceitável em economias dominadas por um universo económico, mas não em economias ditas emergentes, onde coexistem diversos sistemas ou universos económicos.

Sobretudo a teoria económica convencional gira em torno de alguns conceitos fundamentais, como os seguintes: racionalidade económica, equilíbrio, oferta e procura, concorrências. Estes e outros conceitos (e.g. reflexividade, informalidade, *prosuming*) serão revistos à luz duma abordagem multiversa, na qual a economia política não toma como dado que o processo de produção, troca, distribuição e consumo é predominantemente é unificado. Para economias emergentes como a de Moçambique o múltiplo apresenta-se mais realista do que o uno, ou supostamente holístico.

II PARTE:

CONTEXTO DA ECONOMIA DE SOFALA

II PARTE: Contexto da Economia de Sofala

Pontos Abordados no Texto Principal:

1. Um cenário imaginário:

- Soros em Maputo ... aceitaria investir em Sofala?
- Sofala só produz 300 mil USD?

2. A riqueza produzida por Moçambique no contexto da África Subsariana (ASS)

- ASS (45 países e 723 milhões de pessoas) uma economia do tamanho da Espanha e da Coreia do Sul.
- Moçambique - 1% da riqueza da ASS
- O que significa crescer 7% ao ano?
- Qual a produtividade de Moçambique?

3. Moçambique, Vale do Zambeze e Sofala

- Evolução da riqueza de Moçambique (1992-2007)
- Vale do Zambeze na Região Centro do País
- Superfície e População de Sofala
- Urbanização e ruralização - perspectivas de crescimento demográfico urbano e rural em Sofala
- Economia de Sofala no contexto do VZ e de Moçambique
- Estrutura do PIB de Sofala
- Em 2006/07 Sofala produziu entre \$70 a \$80 milhões USD e não os 300 mil USD anunciados.

Cenário de Enquadramento – Soros investiria em Sofala?

- Imaginemos que George Soros vem a Moçambique.
- Soros, o mega-especulador húngaro, naturalizado americano, tem uma riqueza pessoal maior do que o PIB de Moçambique.
- Há mais de uma década que Soros vem chamando a atenção para “**A Crise do Capitalismo Global – A sociedade aberta ameaçada**” (1999). No último livro publicado este ano, antecipou a crise financeira que estamos a viver actualmente (Soros, 2008).
- Para além de ser o especulador mais bem sucedido na História, Soros é filantropo, apoia a sociedade civil, promovendo a SOCIEDADE ABERTA, um prolífico pensador económico, um grande crítico do fundamentalismo económico, nomeadamente da Administração Bush.



- **Imaginemos que ele vem a Maputo, participar numa conferência sobre a Sociedade Aberta.**

Soros defende que o sistema capitalista global é uma forma distorcida de sociedade aberta. A sociedade aberta baseia-se no reconhecimento de que a nossa compreensão é incompleta e as nossas acções têm consequências imprevistas. A sociedade aberta e a sociedade fechada constituem modelos teóricos. Um estado fraco pode constituir uma ameaça tão grande para a sociedade aberta como um estado autoritário (Soros, 1999: 102).

- **Alguém tenta convencer Soros a investir em Moçambique, especialmente em Sofala. Será que aceitaria fazê-lo?**
- **Se acreditasse no que foi relatado ao Presidente Guebuza, no passado mês de Agosto...**

NEM PENSAR!

INVESTIR EM SOFALA?

➤ **JORNAL NOTÍCIAS** de 23.08.08 – 1ª. pág. e o semanário **DOMINGO** de 07.09.08 – pág.22, divulgaram a seguinte notícia:

- A Província de Sofala registou no último ano um crescimento global na ordem dos **13.88%**.
- No âmbito dos investimentos de iniciativa local, foram criados mais de 7.000 postos de emprego em 2007 e no corrente ano, já foram criados 2.056 postos.
- o crescimento de quase 14% corresponde, segundo o divulgado na imprensa, a

7.357.911,40 Mts (?????)

22 REPORTAGEM

7 DE SETEMBRO DE 2008 **domingo**

Sofala regista rápida recuperação económica

Apesar de todo o cenário sombrio causado pela presença dos homens armados da Renamo em Maríngué a produção de Sofala conseguiu obter em termos globais uma produção que corresponde a 7.357.911,40 metros ou seja, um crescimento económico de 13,03 por cento. Em termos de produção agrícola a história da

província mostra que depois de uma baixa produção na sequência de 2004/2005 causada pela situação de estagnação houve uma rápida recuperação em 2006 e 2007. No ano passado, por exemplo, em termos de culturas de rendimento a produção total da província atingiu os 880.875,32 toneladas de culturas alimentares e 21.201,50 de

culturas de rendimento. Segundo o Governador de Sofala, Alberto Vespuna, apesar de pouco continue a produzir abaixo da sua capacidade devido à substituição de equipamentos, saída dos preços de commodities no mercado internacional.

Ainda no mesmo período a província de Sofala exportou produtos no valor de 103.618,78 dólares norte-americanos numa altura em que os termos de trocação de

orçamentos do receitas arrecadadas foram atingidos 2.351.200,00 gaticias.

mal-estar, perturbam a atmosfera de segurança e tranquilidade pública reinantes naquele distrito. Mas tal como puderam ouvir dos várias intervenções aquando da visita do Chefe de Estado é que de cada vez que aqueles indivíduos são vistos a circular fardados na via pública, em Maríngué, isso só lhes lembra um passado recente muito triste, disse Zacarias Costa.

Para Costa, a presença daqueles homens armados da Renamo não pode ser vista apenas como uma ameaça à segurança e tranquilidade públicas como também deve ser encarada como um sério entrave ao desenvolvimento daquele distrito particularmente após algumas pessoas terem se recusado a fazer investimentos diretos e de grande valor no distrito com receio de uma eventual subida do conflito armado venham a perturbar os seus bens.

Questionado sobre como é que a corporação que dirige tem reagido a toda esta situação, Costa foi peremptório em afirmar que a sua força está presente em todo o território da província, incluindo em Maríngué, ao lado do planeado, ao

Moçambique, mantermos a ordem, segurança e tranquilidade públicas. Daí que sempre que aparecem estes casos de homens armados a circular pela vila não temos pautado pela persuasão desses indivíduos a terem que se confinar na sua base porque, para além disso reconstituir delito, eles não são autoridade do Estado. Esta é uma situação que genericamente, naturalmente, tem os seus antecedentes, que julgo que não precisam referir a eles. Todavia,

deviam ganhar consciência de que inconvenientes são para aquela população, para a paz e desenvolvimento do distrito, disse o mesmo interventor.

No entanto, as autoridades governamentais a nível da província de Sofala ignoram o facto que garante toda uma spinha logística. Aquelas forças resultam do grupo de guerrilha da Renamo que uma década e meia após o ACP tentam em ali fronte Alida, muito gente levanta esta questão e há já alguns rumores de que ao nível do Conselho Municipal de Beira se definia uma linha para



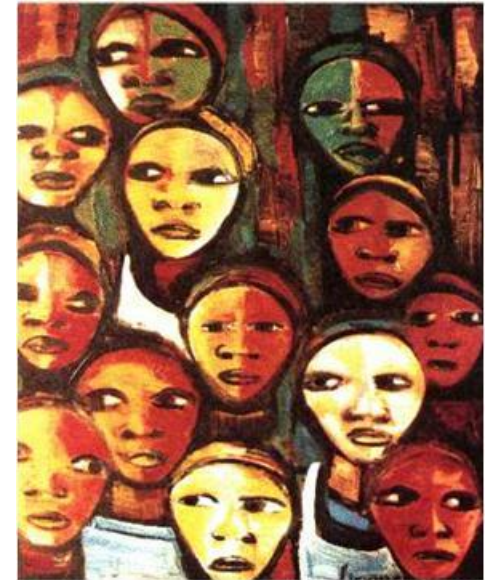
Um Presidente da República não merece ser exposto a este tipo de enganos.

Sofala só Produz 7 milhões de Meticais?

Soros pede para que convertam este valor em Meticais ...

7.357.911,40 Mts

... para USD. Quanto dá?



≈ 300 mil US\$?

Estas informações foram reveladas ao Presidente da República pelo governador provincial, Alberto Vaquina, no início da Presidência Aberta em Sofala. Perante estes dados, o Presidente Armando Guebuza congratulou-se com o crescimento económico, mas recomendou que se redobrem esforços, porque existem recursos para isso.

Sofala só Produz 7 milhões de Meticais?

- Há 10 anos atrás, as estimativas disponíveis (UNDP, 2000: MPF, 2000) indicavam cerca de 40 milhões de USD por ano para a Província de Sofala. Como é que 2007/08 produziu-se só 300 mil USD.
- 300 mil USD é o valor dos 7 milhões de meticais que o Governo tem estado a dar a cada Administrador de distrito, para o que se designa “Iniciativa de Investimento Local”.
- Terá sido um erro? Pode ser, mas o grave é que na base deste tipo de erros, o Presidente Guebuza é induzido a fazer declarações que afugentam qualquer investidor atento e sem interesse em parcerias políticas.
- Será que os técnicos que apoiam o Governador Provincial deram esta informação?
- O Governador não tem que ser economista ou gestor, mas nem por isso merece ser enganado. Muito menos o Presidente da República.
- Há um ano atrás encontrei uma situação igualmente embaraçosa, sobre a execução orçamental pública na Província de Inhambane.

Com base nos dados oficiais do próprio Governo de Inhambane, no 1º. semestre de 2007, o PES tinha sido cumprido em 80%, recorrendo apenas a 12% dos recursos necessários para a sua execução. Esta execução, segundo o relatório, foi conseguida maioritariamente com verbas nacionais. Das duas uma: ou os técnicos estão a enganar o Governador de Inhambane, ou aquela Província não precisa de ajuda dos doadores. Como não acredito nesta última, fico mais inclinado em pensar que algo de grave se passa no sector técnico e de planeamento público.

AFINAL, QUANTO PRODUZ A ECONOMIA DE SOFALA?

E

O QUE REPRESENTA TAL PRODUÇÃO, EM TERMOS RELATIVOS E ABSOLUTOS?

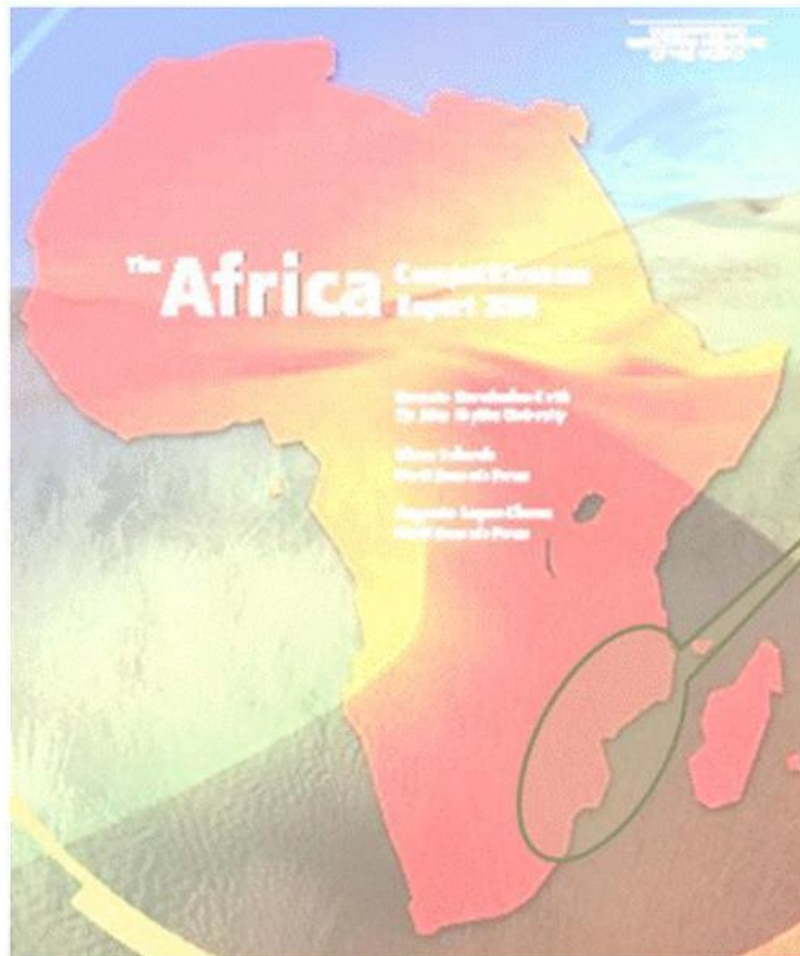
A RIQUEZA PRODUZIDA NO CONTEXTO DA ÁFRICA SUBSARIANA (ASS)



2005

- **ASS** – com 45 países tem 723 milhões de habitantes (11% da POP mundial); produz uma riqueza de 590 mil milhões de USD (ou 1.396 \$PPC); cerca de 2% do PIB mundial.
- Esta produção é comparável à da:
 - **Espanha** (1.179 \$PPC), com 43 milhões de habitantes (15 vezes menos).
 - **Coreia do Sul** (1.064 \$PPC), com 48 milhões de habitantes.

RIQUEZA DE MOÇAMBIQUE NA ASS



2005

MOÇAMBIQUE - 20 milhões de habitantes (3% da População da ASS) produz 6,6 mil milhões de USD (25*mm \$PPC); 1% da riqueza da ASS .

(UNDP, 2007)

O QUE SIGNIFICARIA CRESCER REALMENTE A 7% QUAL É A PRODUTIVIDADE DE MOÇAMBIQUE?



Um crescimento económico real tem o poder de se auto-alimentar e multiplicar. Se um país cresce a um ritmo de 7% ou mais por ano, os nossos filhos serão cinco vezes mais ricos do que os seus pais.

No início da corrente década, o produto por trabalhador nos Estados Unidos era

**35 VEZES SUPERIOR AO DO
MOÇAMBICANO**

Ou seja, o trabalhador médio dos Estados Unidos produz

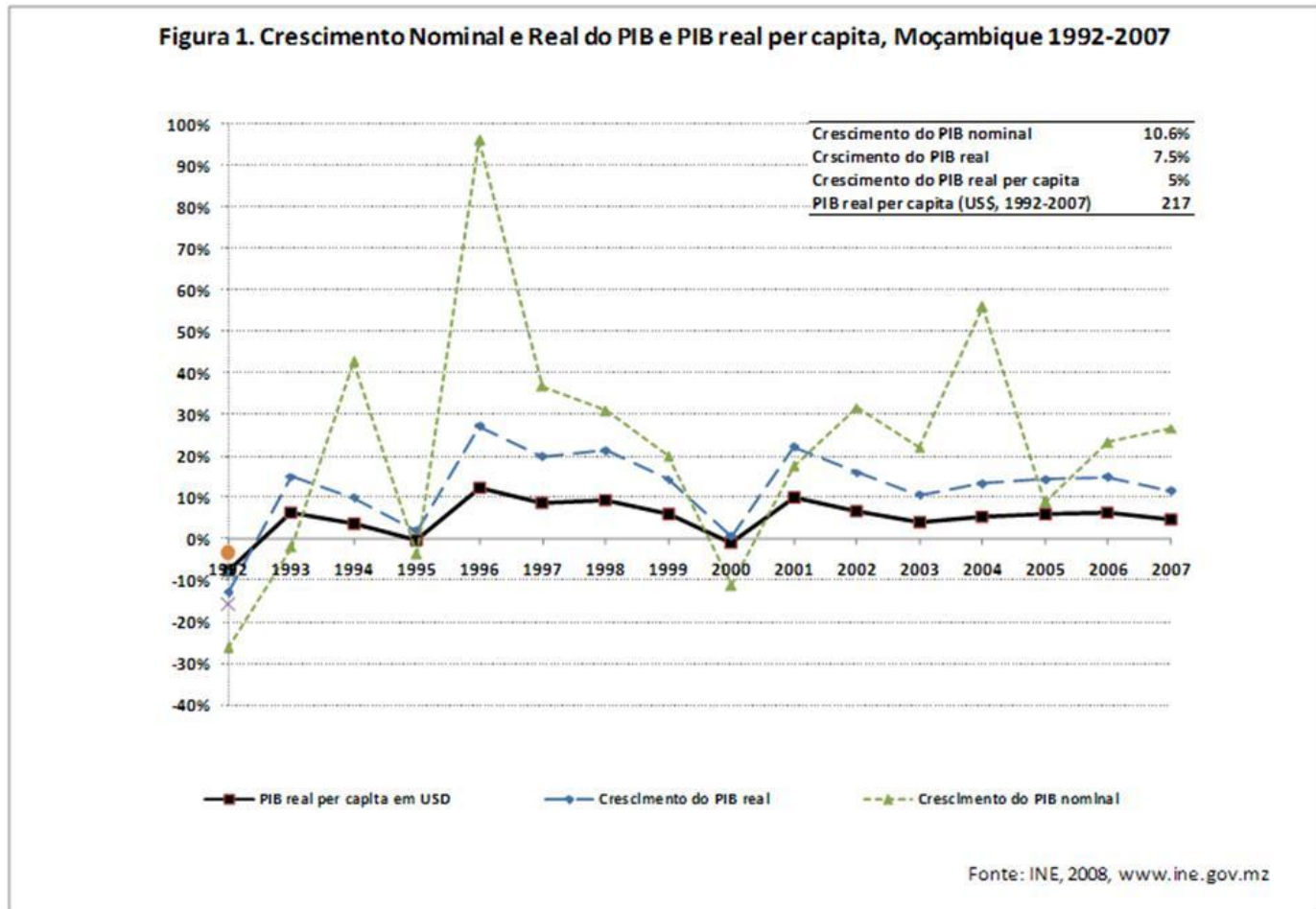
mais em 15 dias

Do que o moçambicano

**PRODUZ num ano
(365 dias).**

EVOLUÇÃO DA RIQUEZA DE MOÇAMBIQUE

O padrão de vida médio dos moçambicanos tem melhorado. Mas a melhoria é lenta. Dada a experiência recente de melhoria do padrão de vida em Moçambique, o moçambicano precisará de 47 anos para atingir o mesmo padrão de vida do cidadão do Botswana em 2005.



MOÇAMBIQUE, VALE DO ZAMBEZE E SOFALA

- ≈ 228 mil km²;
- ≈ 28% da superfície de Moçambique
- ≈ 68% da região Central do País
- O Vale do Zambeze abrange a maior parte das 4 províncias: Zambézia, Tete, Manica e Sofala.

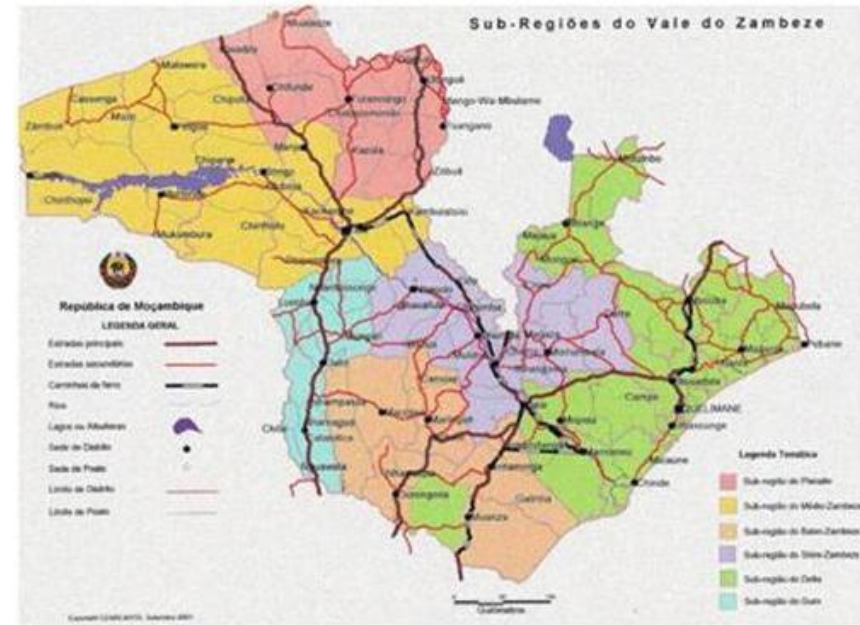
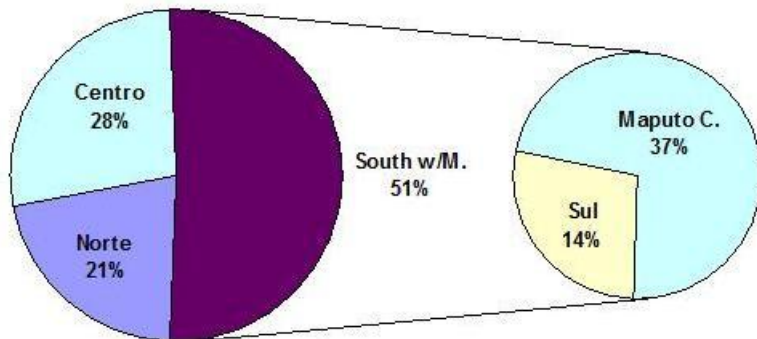


Figure 1.5: GDP of Mozambique, broken down by the three major regions and Maputo City, 2000



MOÇAMBIQUE, VALE DO ZAMBEZE E SOFALA

Superfície e Projecção da População do Vale do Zambeze, 1997-2020



District	Surface		Population in 1997		Projected Population				Population Density 2005	
	(1000 km ²)	%	(1000 peop)	%	2000	2005	2010	2015	2020	%
Country	799.380	29%	16.076		17.242	19.436	21.968	24.771	27.932	22
Central region	334.778		6.731		7.228	8.170	9.263	10.477	11.846	22
Total Valley	227.927	68%	3.760	56%	4.021	4.520	5.111	5.767	6.515	18
Zambezia Province	103.2	12.9	3,096	52	3,317	3,734	4,216	4,747	5,345	32
ZV_Zambezia	57.6	56	1,968	64	2,129	2,438	2,802	3,209	3,676	37
Tete Province	102.6	12.8	1,226		1,320	1500	1719	1,958	2,230	13
ZV_Tete	103	100	1,226	100	1,320	100	1,719	100	1,958	100
Manica Province	61.5	7.7	1,039		1,137	1319	1524	1,766	2,045	18
ZV_Manica	26.6	43	179	17.2	183	16.1	190	14.4	201	11.4
Sofala Province	67	8.4	1,369		1,454	1617	1804	2,006	2,231	22
ZV_Sofala	41	61	388	28	389	27	392	24	395	22

Source: INE, 1999. Demographic Projeções 1997-2010

SUPERFÍCIE E POPULAÇÃO DE SOFALA

Tabela 1.1: Superfície, população e densidade demográfica por regiões, províncias e sexos, Projecção em 2007

Região/Província	Superfície		População				Densidade (hab./Km ²)
	(km ²)	(%)	Pessoas	(%)	Homens	Mulheres	
Total	799,380	100	20,530,714	100	9,787,135	10,743,579	26
Norte	293,287	36.7	6,887,568	33.5	3,356,961	3,530,607	
Niassa	129,056	16.1	1,178,117	5.7	573,768	604,349	9
Cabo Delgado	82,625	10.3	1,632,809	8.0	783,235	849,574	20
Nampula	81,606	10.2	4,076,642	19.9	1,999,958	2,076,684	50
Centro	335,411	42.0	8,798,283	42.9	4,223,076	4,575,207	
Zambézia	105,008	13.1	3,892,854	19.0	1,862,091	2,030,763	37
Tete	100,724	12.6	1,832,339	8.9	885,311	947,028	18
Manica	61,661	7.7	1,418,927	6.9	674,257	744,670	23
Sofala	68,018	8.5	1,654,163	8.1	801,417	852,746	24
Sul	170,682	21.4	4,844,863	23.6	2,207,098	2,637,765	
Inhambane	68,615	8.6	1,267,035	6.2	559,843	707,192	18
Gaza	75,709	9.5	1,219,013	5.9	541,866	677,147	16
Maputo Província	26,058	3.3	1,259,713	6.1	573,595	686,118	48
Maputo Cidade	300	0.04	1,099,102	5.4	531,794	567,308	3664

Fonte: INE. 2008. <http://www.ine.gov.mz/censo2007>

POPULAÇÃO ACTUAL DE SOFALA E PROJECCÕES DEMOGRÁFICAS POR DISTRITOS

Superfície e Projecções Demográficas, Sofala 1997-2025										
	Superfície T Km2	Projecção da População 1997-2007				Projecção da População 2025				
		1997	Censo 2007	Proj 1999	Diferença na Taxa de Crescimento Anual (%)	Com Base no Censo 2007		Com base na Proj de 1999		
				Proj		Proj	Proj1-2025	%	Proj2-2025	%
SOFALA	68,018	1,369	1,654	1,689	1.9	2.1	2,525	2.4	2,692	2.6
Superfície Terrestre	68,018									
Crescimento na Década			21							
Beira, Cidade	633	447	436	618	-0.3	3.3	417	-0.3	1,103	3.3
Buzi	7,409	147	160	145	0.8	-0.2	184	0.8	141	-0.2
Caia	3,477	88	115	93	2.7	0.5	187	2.7	101	0.5
Chemba	4,388	50	65	42	2.7	-1.8	106	2.7	30	-1.8
Cheringoma	8,739	22	34	16	4.4	-3.3	74	4.4	9	-3.3
Chibabava	8,012	67	102	67	4.3	0.0	217	4.3	67	0.0
Dondo	2,443	130	142	199	0.9	4.4	169	0.9	429	4.4
Gorongosa	7,659	81	117	96	3.8	1.7	228	3.8	130	1.7
Machanga	4,657	44	52	44	1.6	0.0	69	1.6	45	0.0
Maringue	5,085	56	75	67	2.9	1.7	125	2.9	91	1.7
Marromeu	5,810	74	120	69	4.9	-0.8	284	4.9	60	-0.8
Muanza	5,731	16	25	12	4.4	-3.3	55	4.4	6	-3.3
Nhamatanda	3,975	146	211	223	3.8	4.4	409	3.8	481	4.4

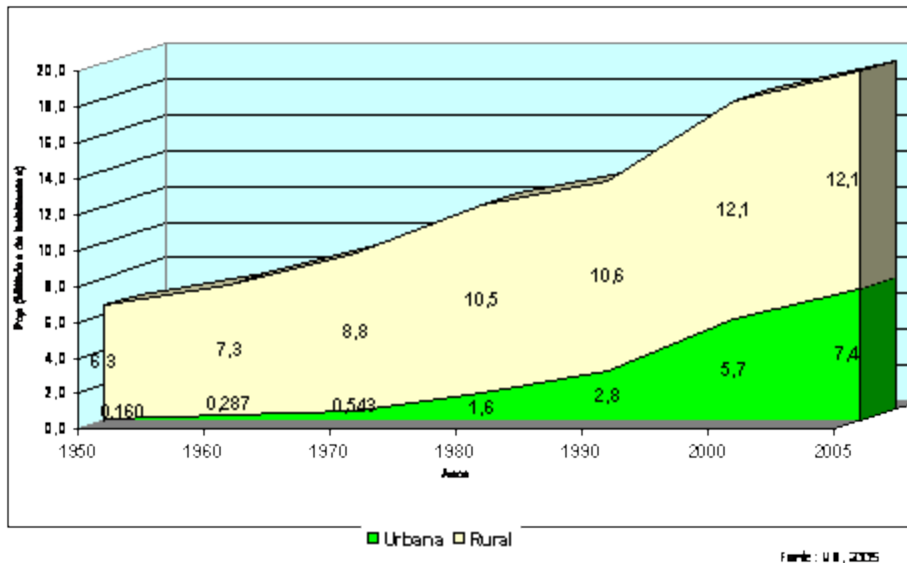
Fote: INE, 1999. Projecção 1999, INE, 2008

Êxodo rural e Urbanização - Moçambique está a Urbanizar-se

Tabela 1.2: Tendência das Taxas de Crescimento

Períodos	População	
	Urbana	Rural
1950-1975	7.2%	1.7%
1975-2000	7.6%	0.9%
1975-2015	6.5%	0.6%
2015-2030	3.0%	-0.2%

Figura 2: Evolução da População Urbana e Rural em Moçambique, 1950-2005



URBANIZAÇÃO

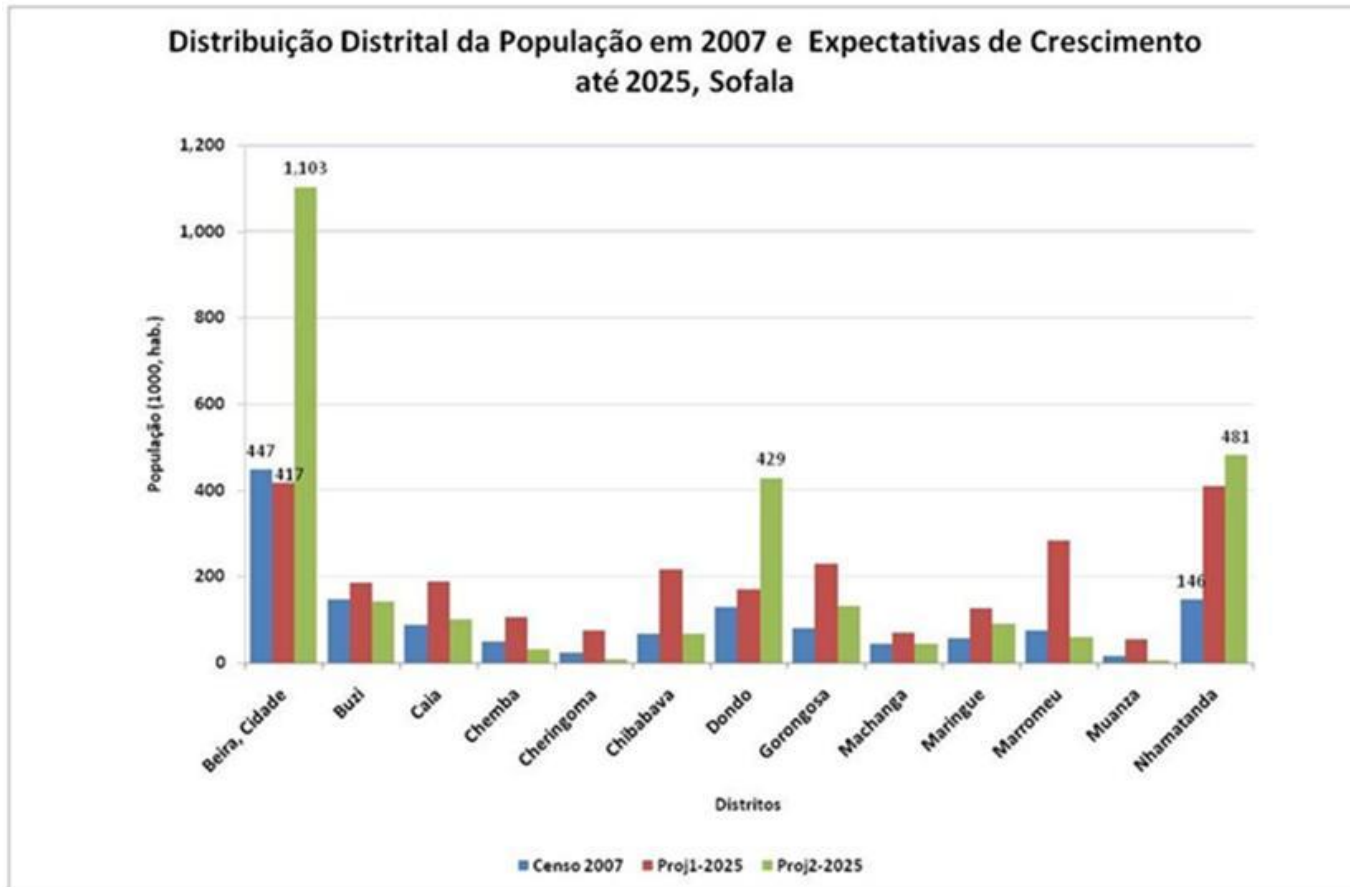
- Mais lentamente do que outros países?
- De forma incivilizada, como diz Craveirinha sobre o neo-moçambicano? (*)
- Mal ou bem, a urbanização poderá aumentar de 3-5% ao ano, dependendo do ritmo de crescimento.
- Mas está a urbanizar-se

(*) Ver poema em http://www.iese.ac.mz/lib/noticias/JMosca_Agricultura_e_Desenvolvimento_em_Africa_Apresentacao_do_livro.pdf

Contexto Histórico e Institucional da Informalidade

Êxodo Rural e Ruralização Urbana

Períodos	População
1997-2007	1,9%
Proj1:1997-2025	2,4%
Proj2:1997-2025	2,6%



URBANIZAÇÃO OU RURALIZAÇÃO DA CIDADE?

As Nacionalizações de 1975-76 ‘Implodiram’ o Mercado Imobiliário e Fundiário



Grande Hotel, Beira 1975



Grande Hotel, Beira 2007



Hotel "4 Estações", Maputo 1976



Implosão do "4 Estações", Maputo 2007

FLASH DA ECONOMIA FORMAL DE SOFALA



Economia Sofala com \approx 11-12%
PIB real per capita, 1997: \$248
PIB real médio per capita, **2006-07:**

\$415

Crescimento real do PIB 1996-2005:

7,4%

Crescimento do PIB p/capita 1996-05

4,7%

Província de Sofala

Área (km²): **68.018**

Fronteiras: **Tete e Zambézia a Norte, Inhambane a Sul,
Manica a Oeste e o Oceano Índico a Este**

% da área total: **8,5%**

Capital: **Beira**

População (2007): **1,7 milhões**

Principais línguas locais
(Censo 97):

Cisena 47%

Cindau 34%

Português 10%

PGB real médio per capita (2006-07)*: **415 USD**

Crescimento real do PIB, 1996-2007**: **4,7%**

Principais produtos:

**Ouro, mica, fluorite, chalcopirite,
tabaco, citrinos e vegetais**

% dos Distritos na RVZ: **61%**

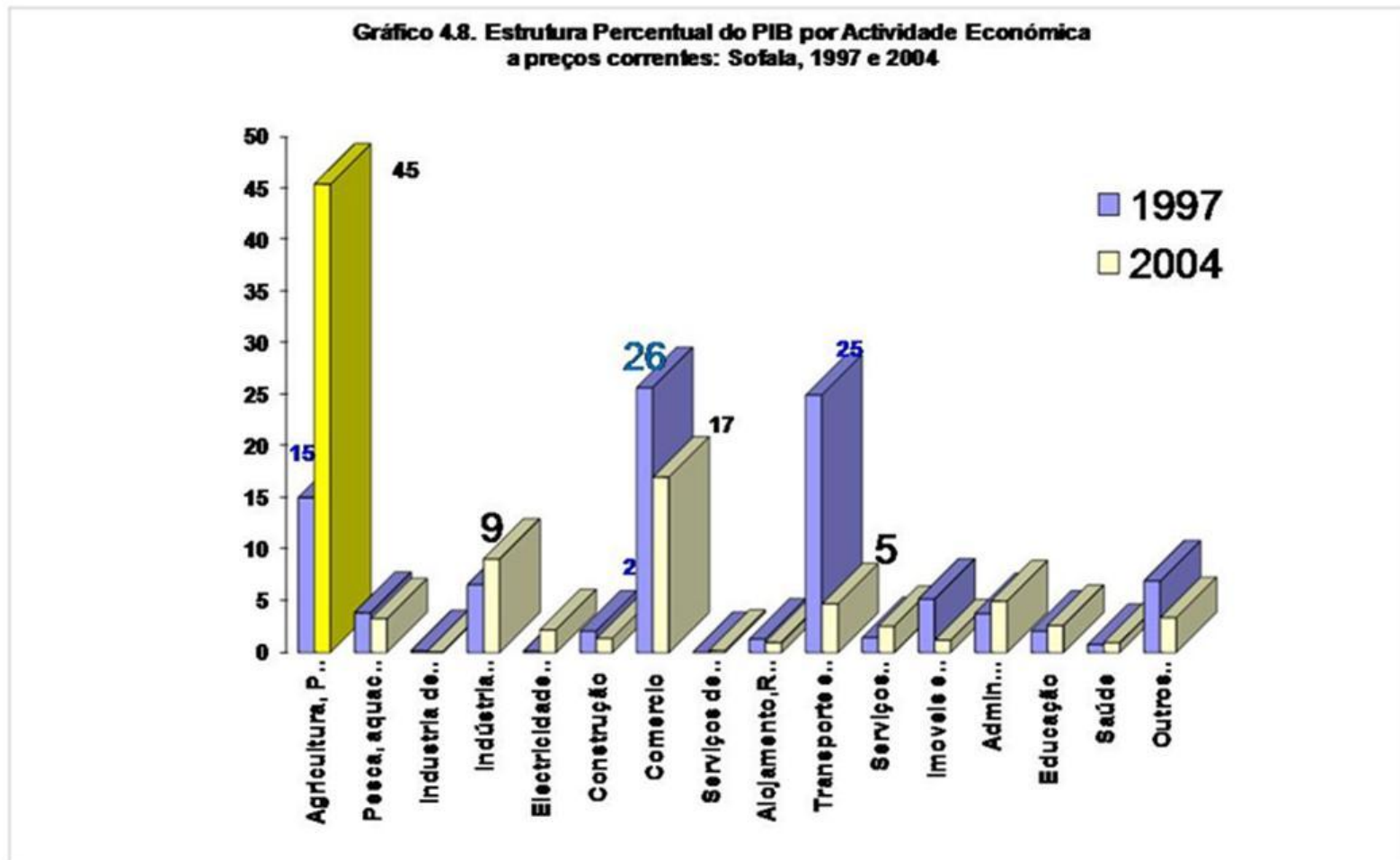
**7 de 12 distritos: Caia, Chemba, Cheringoma,
Gorongosa, Maringue, Marromeu e Muanza.**

*PGB (produto geográfico bruto) = PGB da região

** PGB (Produto geográfico bruto)

*** RVZ – Região do Vale do Zambeze

VARIAÇÃO NA COMPOSIÇÃO DO PIB DE SOFALA, 1997-2004

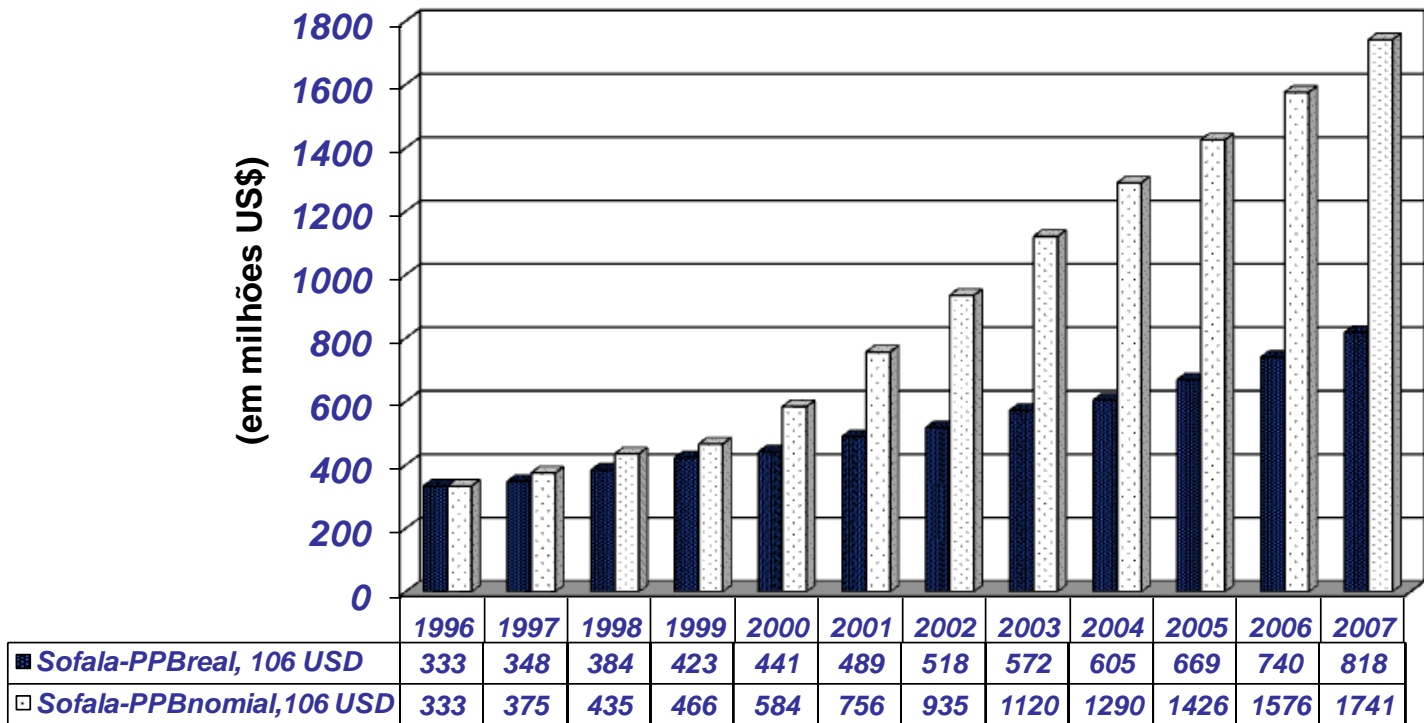


**Agricultura 45%, um aumento relativamente há dez anos?
17% Comércio e 5% Transportes
9% Indústria**

EVOLUÇÃO DO PIB DE SOFALA, 1996-2007

Segundo os dados da figura, a economia formal de Sofala atingiu em 2007 cerca de 820 milhões de USD

Figura 4.1: Produto Provincial Bruto (PPB), Sofala 1996-2007



■ Sofala-PPBreal, 106 USD
□ Sofala-PPBnomial, 106 USD

Quanto é que a Economia de Sofala produziu em 2007?

- ❖ Com base nos dados disponibilizados pelo INE, a Economia (FORMAL) de Sofala poderá ter produzido entre 2005 e 2007, cerca de 75 USD por ano.
- ❖ Se isto for verdade, o que devia ter sido informado ao Presidente Guebuza, na sua Presidência Aberta de Agosto passado, é que Sofala deverá ter produzido em 2007 quase 80 milhões de USD, em vez de 300 mil.
- ❖ 300 mil, não seria 14% anuais, mas algo como 0,04%.
- ❖ Obviamente, perante uma situação destas, George Soros ou qualquer outro grande, médio ou pequeno investidor, talvez prefira esperar que nós aprendamos a acertar as nossas contas; ou que aprendamos a distinguir mil, de milhões, de mil milhões e biliões.
- ❖ Infelizmente, a imprensa pouco tem ajudado a combater o grave problema de inumerismo (analfabetismo numérico) em Moçambique.

III PARTE:

ECONOMIA VISÍVEL E INVISÍVEL DE SOFALA

III PARTE: Economia Visível e Invisível de Sofala

Pontos Abordados no Texto Principal:

1. Universo Económico Visível e o Iceberg Invisível

- Em Moçambique
- Em Sofala

2. Os Factores Clássicos de Produção

2.1. Trabalho, Rendimento e Informalidade

- População economicamente activa formal e informal, Sofala 2005.
- Tipologia da dimensão da economia formal e informal em Sofala
- Peso da economia informal no PIB de Moçambique
- Informalidade começa quando nascemos, não quando entramos na FT
- Tributação do rendimento e informalidade
- Uma caricatura humorística da percepção pública da informalidade

2.2. Mercado Fundiário e Mercado Imobiliário

- Posse de título e acesso a crédito
- O mercado imobiliário em comparação com o fundiário
- Baixa produtividade agrícola é só por falta de revolução verde, no sentido tecnológico e sementes melhoradas?

2.2. Mercado Financeiro

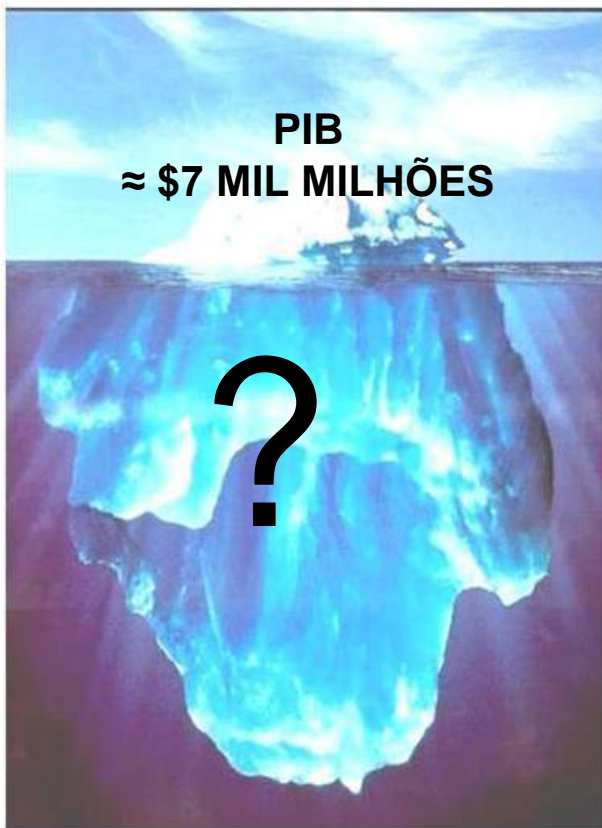
- Economia informal ilícita e delituosa
- Informalização do sector formal por via da corrupção

3. A dimensão do Valor Improdutivo, Oculto e Informal

UNIVERSO ECONÓMICO VISÍVEL: QUAL A DIMENSÃO DO INVISÍVEL?

O valor dos universos formal e parte do informal legítimo são conhecidos
E os quanto valerão os universos oculto, prosumer e excluído?

O UNIVERSO ECONÓMICO VISÍVEL DE MOÇAMBIQUE

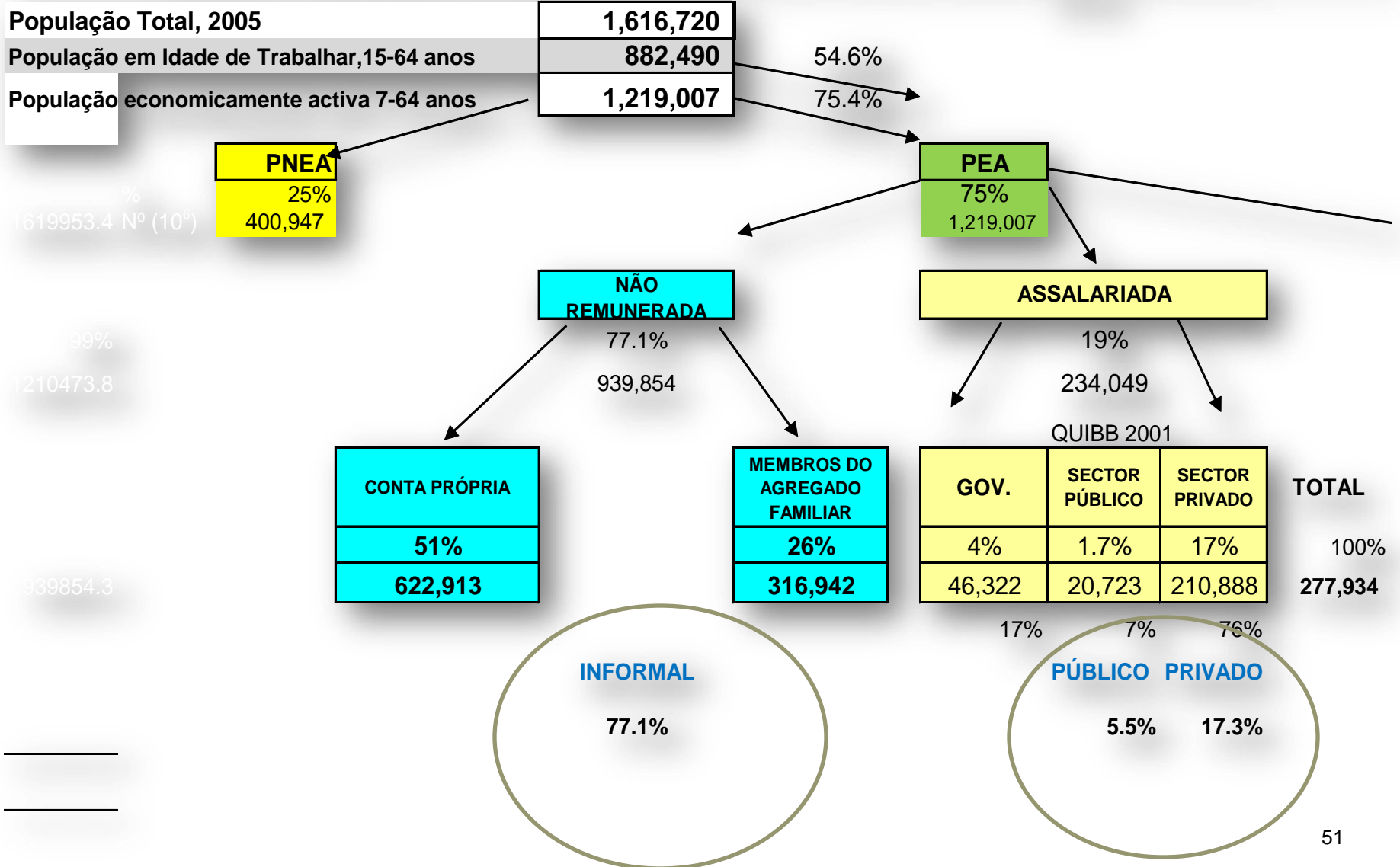


O UNIVERSO ECONÓMICO VISÍVEL DE SOFALA



Tabela 2: População Economicamente Activa Formal e Informal, Sofala 2005

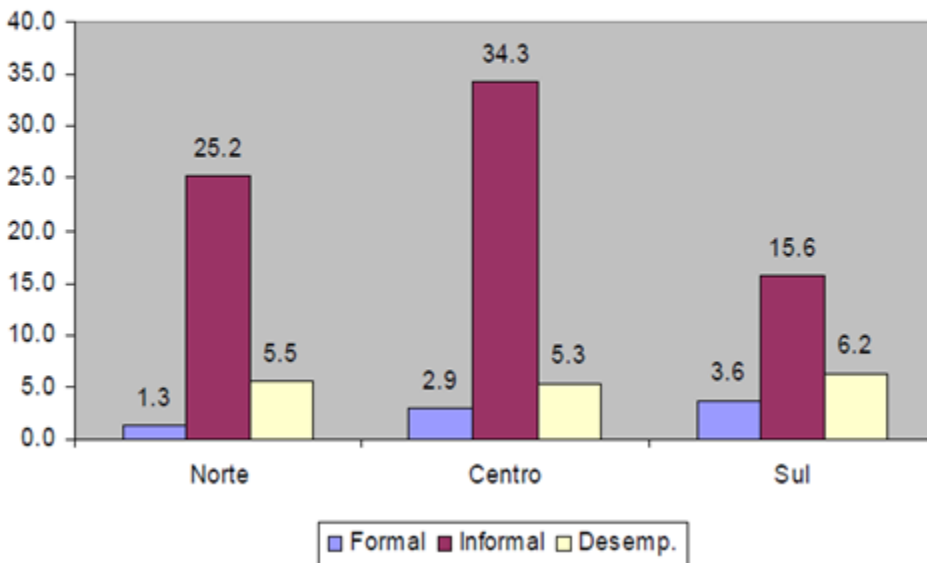
(Pessoas)



Dimensão da Força de Trabalho Formal e Informal

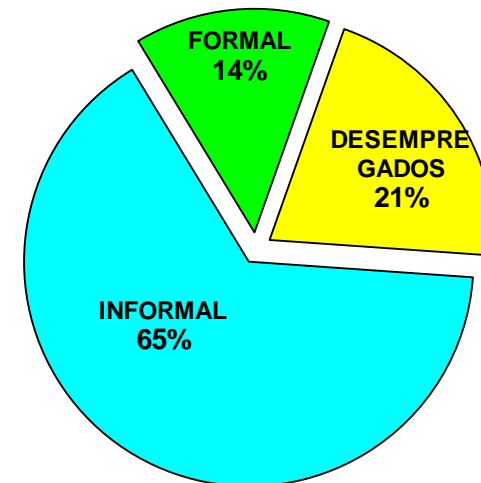
Cerca de 75% da PEA no informal, contra 8% no formal e 17% desempregados

Distribuição da Força de Trabalho por caracter da Actividade



Sofala 2005

Figura : Força de Trabalho em Sofala, 2005

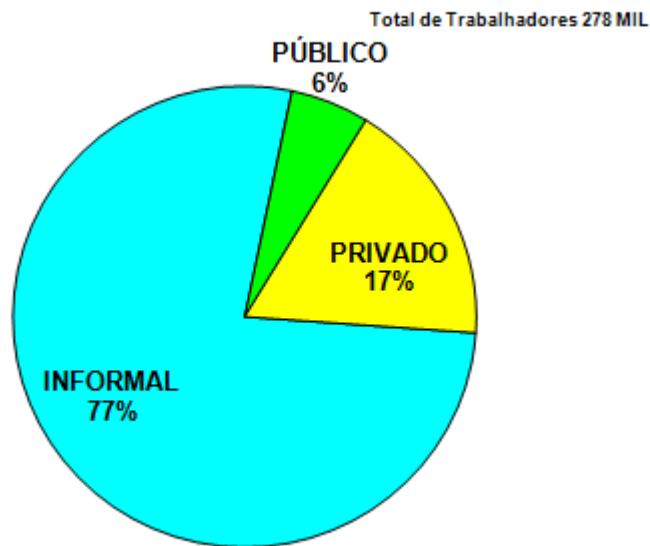


INE, 2006: 85

Informalidade Começa à Nascimento, não na Idade da Força de Trabalho

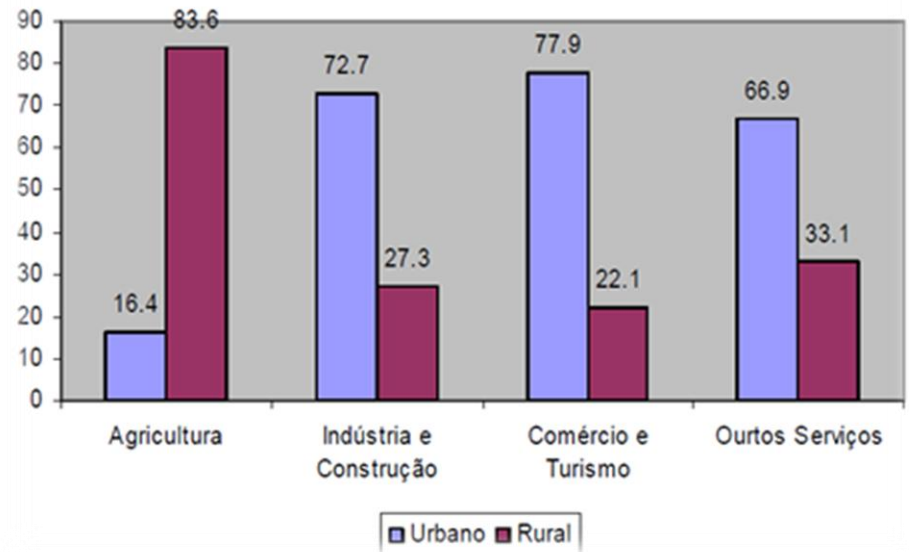
Quantos Moçambicanos nascem, crescem, reproduzem-se e morrem sem nunca deixarem de serem informais? A informalidade tem de ser atacada de raiz, não nas esquinas e ruas das cidades.

Figura 20: Trabalhadores em Actividade Remunerada, Sofala, 2005 CEMPRE 2002



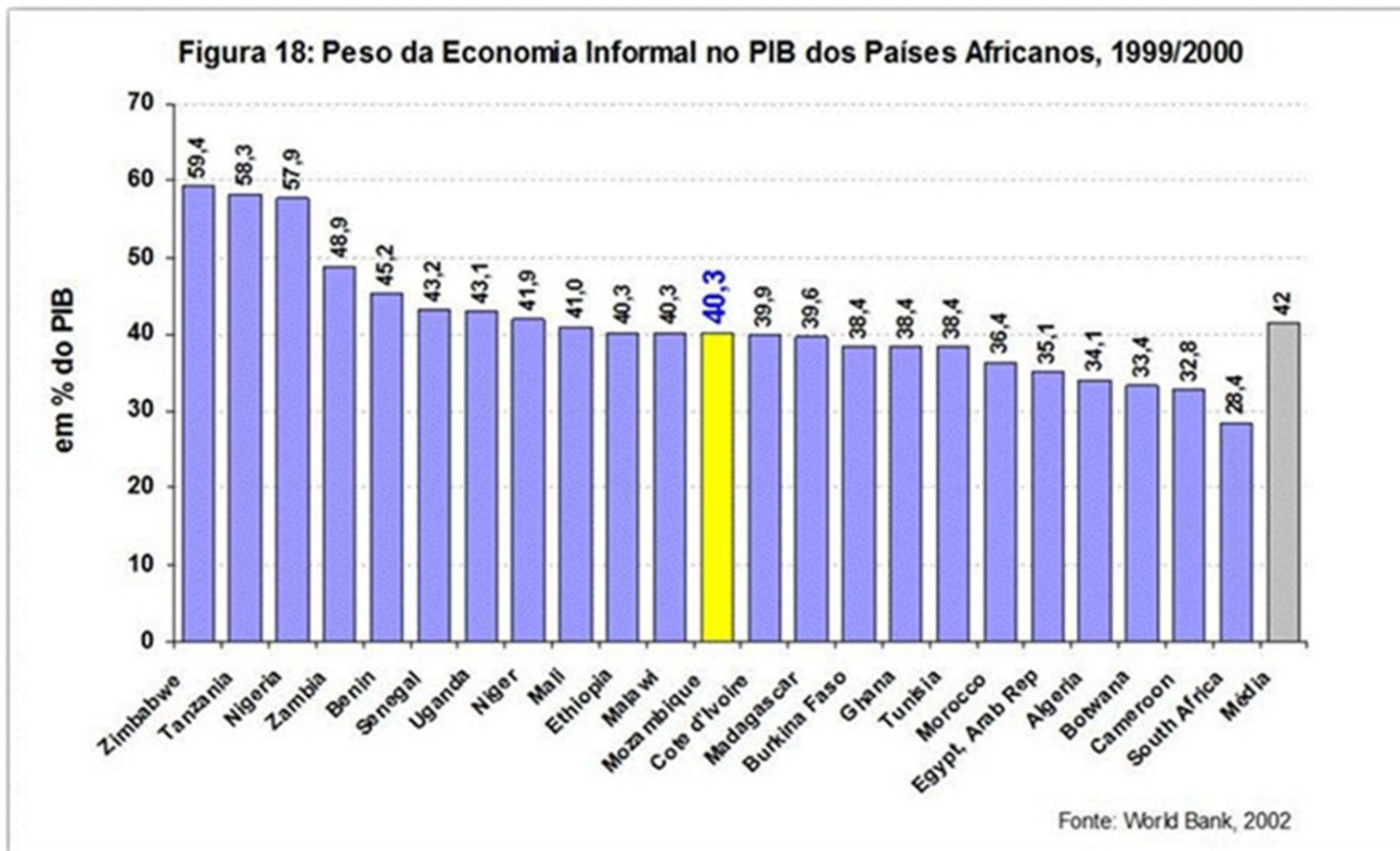
INE, CEMPRE 2003

Distribuição percentual de trabalhadores informais por actividade económica e por tipo de área



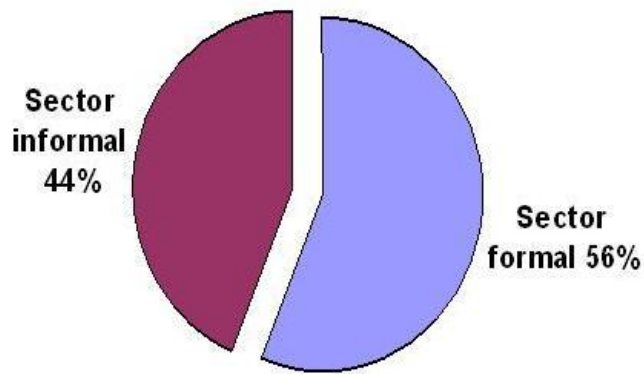
Peso do Informal no PIB de Vários Países

Em Moçambique, 40% do PIB é Informal. Só? Esta percentagem reflecte uma definição de Informal restrita, em vez de ampla.



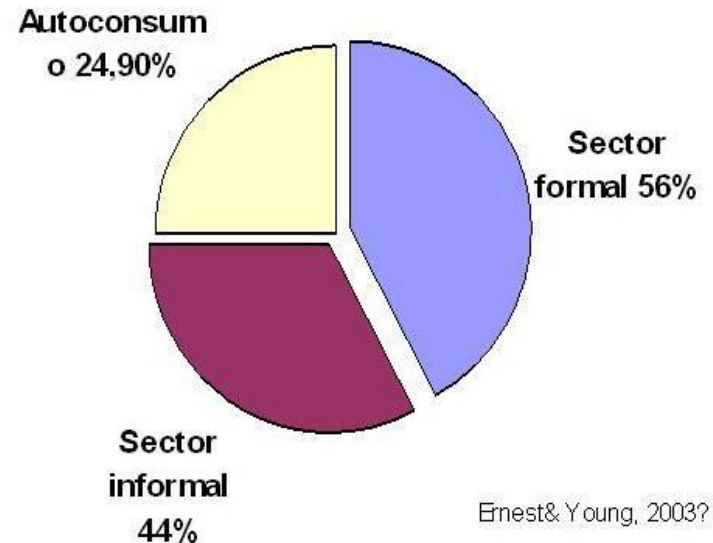
Informalidade na Produção Comercializada e na Economia “Prosumer”

Figura 19: Proporção da Economia Informal na Produção Comercializada



Ernest& Young, 2003?

Figura 20: Peso da Economia Informal no Valor Acrescentado Bruto Total, Moçambique 1997



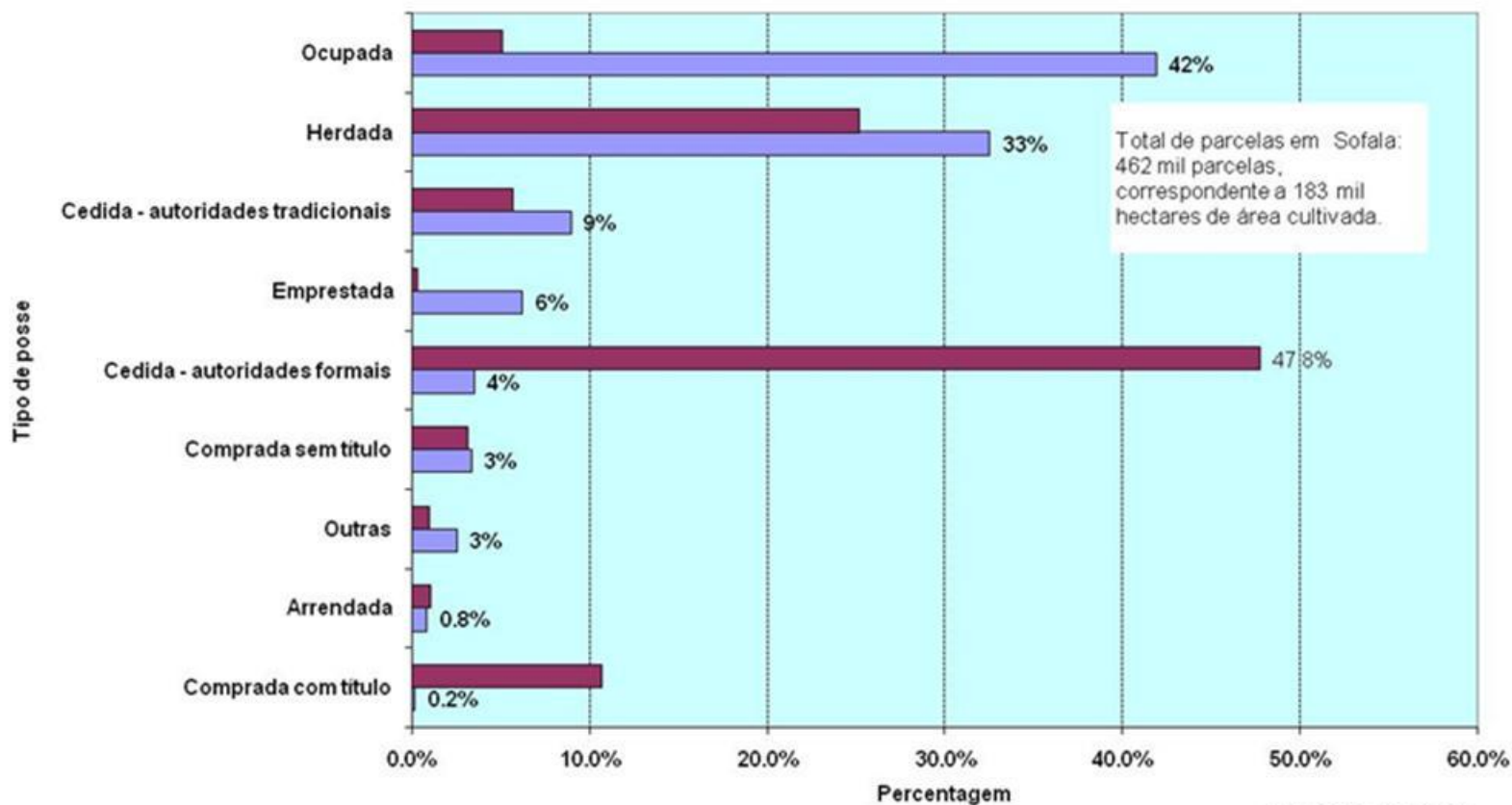
Ernest& Young, 2003?

“Prosumer” – Palavra inventada por Alvin Toffler para representar a produção e consumo de bens, serviços e experiências para uso ou satisfação pessoal, em vez de serem destinados à venda ou troca (ver Alvin e Heidi Toffler. 2006 *A Revolução da Riqueza*, p. 167).

Economia Formal e Informal no Mercado Fundiário

O mosaico do tipo de posse de terra num quadro legal promotor da informalidade

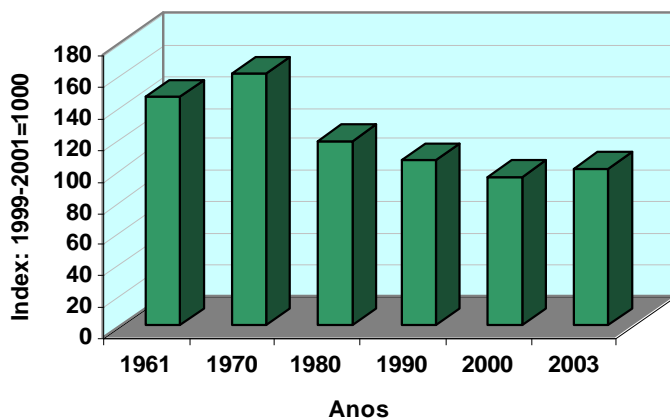
Total de Parcelas Agrícolas por tipo de posse, Sofala e Moçambique



Economia Informal no Mercado Fundiário

- Depois das nacionalizações em 1975, a produtividade agrícola per capita regrediu e ainda continua praticamente estagnada nos níveis da década de 1950. A estagnação será por falta de uma Revolução Verde, no sentido meramente tecnológico, de fornecimento de sementes melhoradas e financiamento para extensão rural?
- Qual será a dimensão da desvalorização do principal activo de Moçambique? A terra.
- A EDR (MPD, 2007), de forma muito tímida, coloca a necessidade de tratar a questão da terra como uma moeda de duas faces; de um lado os direitos, do outro, o valor económico. Mas a sua proposta de diferenciação da terra, de acordo com diferentes fins, está a ser aproveitada pelos gestores políticos, para garantir que o “cabrito” possa amarrar-se onde quer comer.
- Neste sentido, o tipo de Lei de Terra ainda em vigor, parece continuar a servir bem os propósitos da privatização informal da terra.

Figura 11: Produção Agrícola per Capita, MOçambique 1961-2003

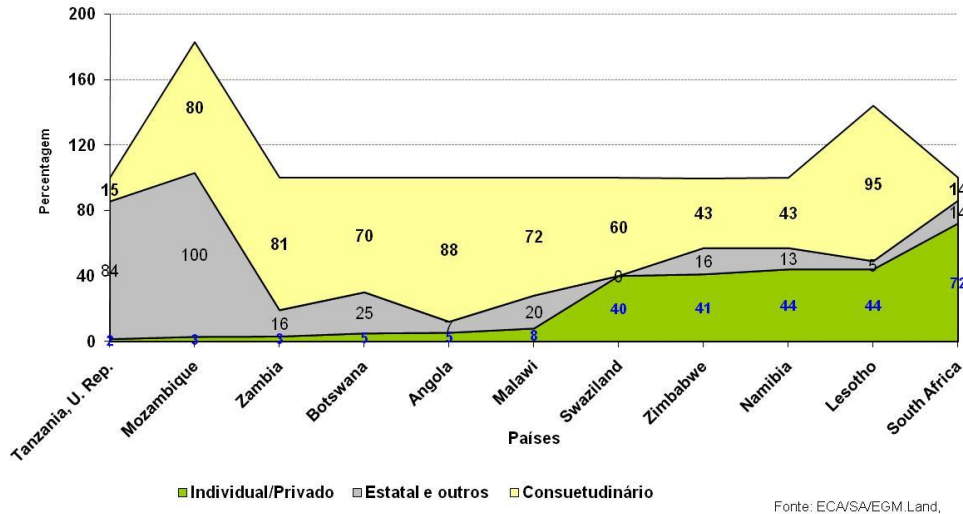


Fonte: FAO, 2005



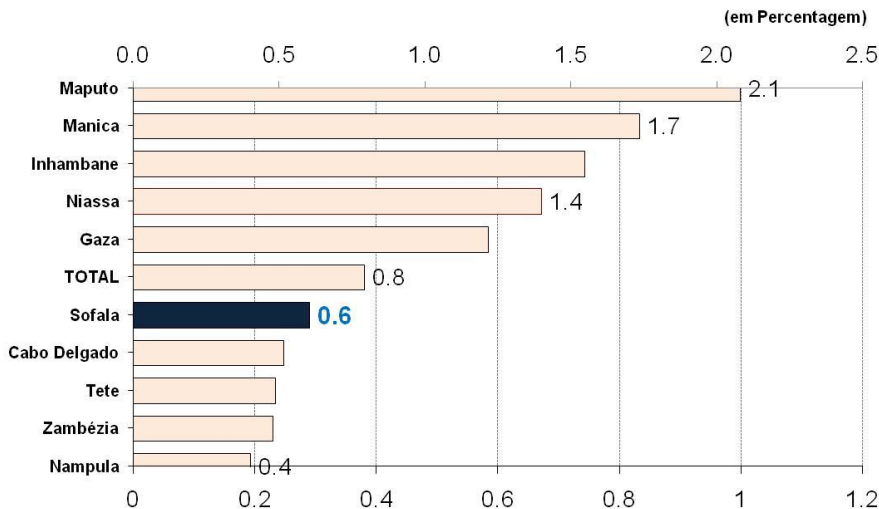
Economia Informal no Mercado Fundiário

Distribuição dos Sistemas de Posse da Terra em Países da África Austral Seleccionados, em Percentagem do Território Nacional



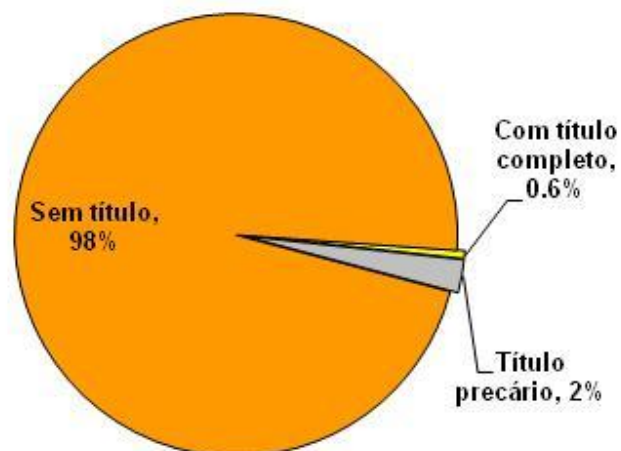
- As imagens nesta página, testemunham as fortes raízes socioeconómicas, culturais e político-ideológicas da perspectiva pré e contra o capitalismo moderno.
- Em Moçambique, juridicamente sem terra são todos excepto o Estado. A elite governante e seus parceiros internacionais têm bons (se bem que diferentes) motivos para defenderem a desvalorização do principal activo na economia nacional.

Processo de Titulação da Terra: Sofala e o resto de Moçambique, 2002-03



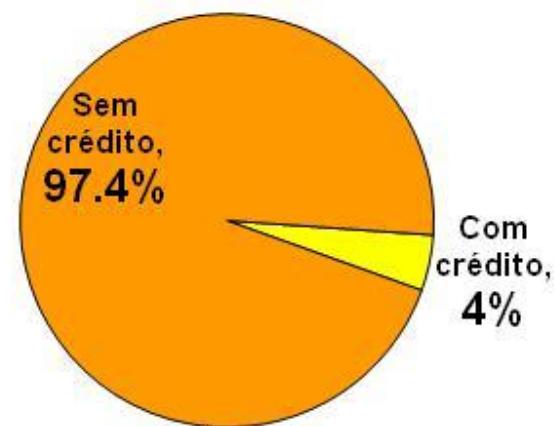
Informalidade e Mercado Fundiário: Titulação e Acesso a Crédito em Sofala

Figura 4.11: Posse de Título das parcelas agropecuárias em Sofala, 2000-2001



INE, 2002:

Figura 4.12: Explorações com acesso a crédito formal, Sofala, 2000-2001



INE, 2002: 50

Zoneamento e Provável Leilão Fundiário Informal no Futuro Imediato

No último ano, o Governo passou a gerir de forma mais activa o zoneamento fundiário. Recentemente o MINAG divulgou resultados sobre a “Terra Disponível” para ocupação agrícola. A distribuição politico-administrativa está a intensificar a tutela. As histórias sobre as opções ad hoc multiplicam-se diariamente. Os burocratas acreditam que a actual desvalorização formal da terra é um bom atractivo para os investidores estrangeiros. Alguns potenciais investidores estrangeiros, pelo menos à primeira vista parece acreditarem que em Moçambique a terra é uma espécie de lotaria. Mas quando o processo de investimento avança, depressa se apercebem como o barato sai caro.

Os representantes do único latifundiário legal em Moçambique (o Estado) dizem que existem 12 milhões de hectares, em todo o País, e 1,1 milhões em Sofala.

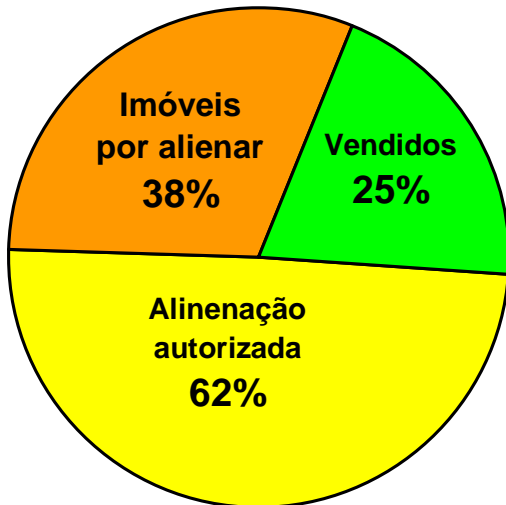
Um novo leilão informal começou, com apelos a uma revolução verde, sem revolução, e produção de bio-combustíveis em terras ditas marginais.

Província	Terra Disponível Fase 1 (ha)	Terra Disponível Fase 2 (ha)	Observações
Niassa	794.400	1.220.400	Adicionadas novas áreas pelo Zoneamento Provincial
Cabo Delgado	351.600	269.400	Excluídas áreas agrícolas próximas das vilas e destinadas a Fazendas do Bravio
Nampula	479.600	709.160	Adicionadas novas áreas pela prov.
Zambézia	1.174.000	1.365.300	Adicionadas novas áreas pela prov.
Sofala	1.136.000	408.650	Excluídas para Coutadas e Reservas
Manica	574.400	381.950	Considerados DUATs e Aglomerados populacionais
Tete	2.410.000	661.730	Excluídas Coutadas e Zonas de Prospecção Mineira
Inhambane	2.399.600	1.071.660	Excluídas Concessões florestais; DUATs Áreas de Desenv. Turístico
Gaza	1.844.800	866.780	Excluídas áreas de Aglomerados Populacionais
Maputo	852.400	11.000	Excluídos DUATs
Total	12.016.800	6.966.030	

Economia Informal no Mercado Imobiliário

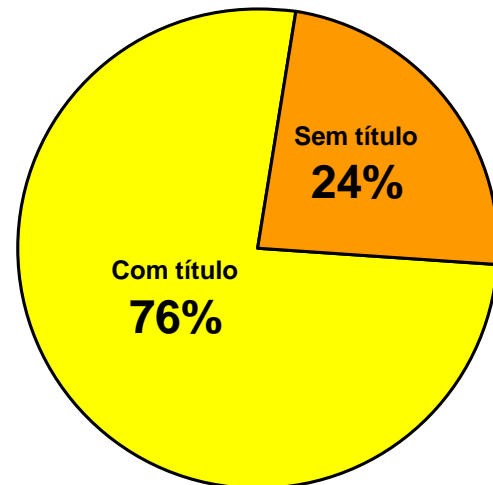
Contrariamente ao Mercado Fundiário, no Mercado Imobiliário, a formalidade aumentou significativamente, porque existe mais clareza relativamente ao direito e protecção da propriedade privada.

Figura 12: Imóveis habitacionais em processo de alienação pelo Estado, Moçambique 2002



Notícias, 2002

Figura 13: Percentagem dos Imóveis Vendidos já com titulados atribuídos, 2002



Notícias, 2002

Informalidade e Tributação do Rendimento

Tributação ao Cidadão

Cerca de **500** mil contribuintes em **10** milhões de moçambicanos em idade economicamente activa, representa cerca de **5%** de pessoas que pagam impostos directos.

Tributação ao Grande Investidor

Existem algumas estimativas isoladas do valor que o Estado não cobra aos investidores, sobretudo mega-projectos isentados de impostos, mas a contabilização geral está por fazer. Uma informalidade supostamente para atrair investimento. Mas quanto custa à economia formal?

O Mercado Financeiro Formal na maior parte do País ainda é uma miragem

Infelizmente, a chamada Iniciativa de Investimento local do Governo, em vez de contribuir para reforçar o sistema financeiro formal rural, está a fomentar a informalidade e a provocar uma competição ad hoc sem futuro.

Por este e outros motivos, a bancarização da economia rural, bem pode esperar que esta onda populista passe, para numa outra oportunidade expandir-se de forma viável e sustentável nessas zonas.

As Tabelas seguintes ilustram a pequenez do sistema formal financeiro, em termos de cobertura de agências bancárias e instituições financeiras.

Tabela 2: Distribuição Geográfica de Agências de Bancos Comerciais

Províncias	1995	2004	2005
Maputo (Prov+Cidade)	93	109	114
Gaza	20	15	14
Inhmabane	15	10	12
Sofala	16	19	22
Manica	33	7	12
Tete	11	8	8
Zambézia	16	10	10
Nampula	23	16	16
Cabo Delgado	14	7	7
Niassa	8	3	4
Total	249	204	219

Fonte: DSB, 2005, in Domingo, 29 Janeiro 2006

Tabela 8: Instituições de Crédito e Sociedades Financeiras em Moçambique

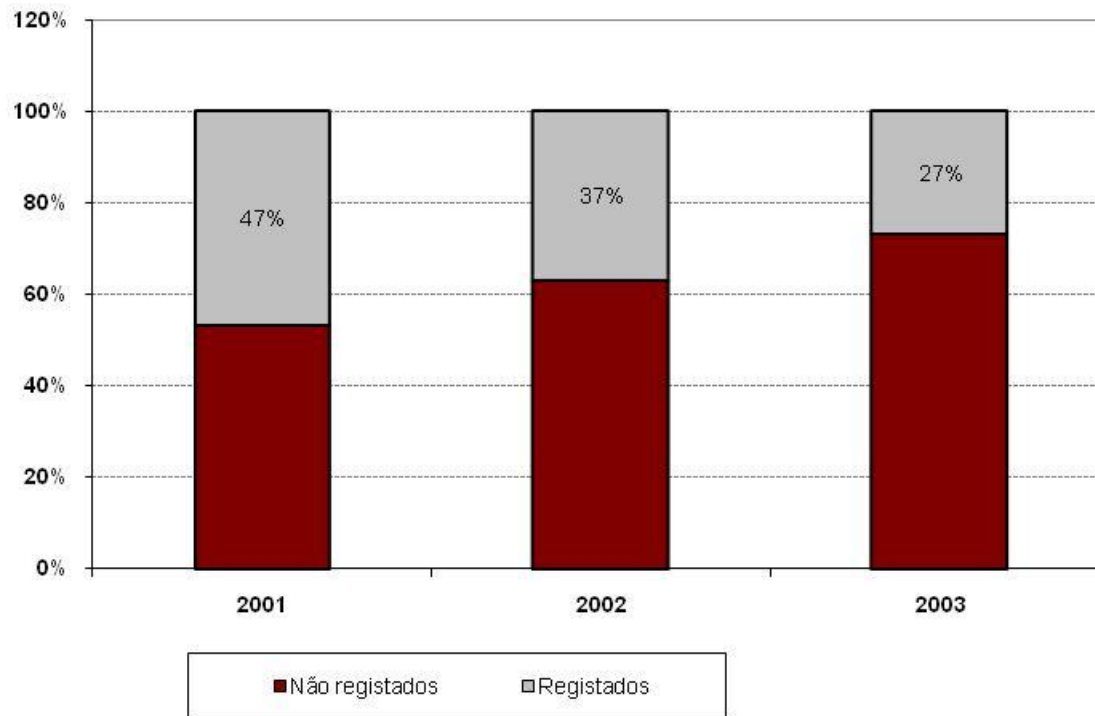
Instituições	1991	2000	2006
Bancos comerciais	3	11	9
Bancos de investimento	0	1	1
Bancos de Microfinanças			3
Cooperativas de crédito	1	4	5
Sociedades de locação financeira	0	3	3
Sociedades de investimento	0	2	1
Sociedade Admin. de Compras em Grupo	0	1	1
Casas de câmbio	4	28	20
Seguradoras	1	5	
Correctoras de seguros	0	8	
Mercados interbancários	0	2	
Mercados de capitais	0	1	1
Entidades Licenciadas para o exercício de funções de crédito			20

Fonte: Navalha, 2000; Banco de Moçambique, <http://www.bancomoc.mz>

O Mercado Financeiro Formal e Ajuda Internacional

Os valores da Ajuda Internacional são oficialmente conhecidos, mas o que é difícil saber, é qual a proporção que fortalece os circuitos e mecanismos formais e qual a parte que fomenta a economia informal.

Figura 37: Donativos Externos em Moçambique, 2001-2003



Fonte: Hodges e Tibana, 2005: 69

E o Mercado Financeiro Informal, Ilícito e Delituoso?

Não é possível estimar a dimensão deste mercado financeiro extra-formal e oculto. Mas os exemplos são inúmeros e variados. Após listar uma dúzia deles, nas páginas seguintes apresentam-se 10 testemunhos anedóticos extraídos da imprensa nacional:

1. Compra e venda de automóveis de proveniência duvidosa (ex. processo dos chamados carros “MLL”);
2. Tráfico de armas de fogo militares;
3. Lavagem de dinheiro, usando o sistema bancário formal;
4. O caso das 40 toneladas de haxixe e a produção de *mandrax*;
5. Os desfalques bancários dos 400 milhões de USD;
6. Outros desfalques e saques financeiros em empresas públicas e ao erário público;
7. Os funcionários fantasmas na Administração Pública;
8. O caso “mandjarmane” envolvendo milhões de dólares americanos de seguro social, extorquidos aos trabalhadores, cujo montante exacto continua em disputa.
9. Tráfico de pessoas, incluindo crianças
10. Alegado mercado de órgãos humanos
11. Mercado ilegal de passaportes e Bilhetes de Identidade;
12. Tráfico de influências.

Exemplos de Informatização do Sector Formal por Via da Corrupção e Não Só ...

O País Económico | 11 Setembro 2008 | 28
Finanças

Créditos concedidos às empresas públicas e privadas não estão a ser pagos

Fundos do Tesouro continuam em mãos alheias



Recomendações da AR

Tendo constatado que havia violações da lei por parte de alguns empresários, ao não pagarem as suas dívidas com o Tesouro, a AR ordenou, em 2007, que o Governo passasse uma legislação para assegurar a concessão desses créditos. Eduardo Nhamitso, Deputado pela Assembleia da República, classificou de "insuficiente" esse facto, porque "existia"

de crédito não se deve ver o valor total, mas o que tinha sido acordado em termos de prazos de pagamento, e quanto é que não foi pago".

Entretanto, reconhece que existem ainda valores elevados por pagar. "A programação que nós tínhamos era que as importações fossem efectuadas por um prazo que abrangesse cinco anos, tendo em conta que tratava de financiamentos para investimentos. Quando a isso,

Quinta-feira, 18 de Setembro de 2008

ZAMBEZE DESTAQUES/3

O tráfico de drogas é o maior negócio em Moçambique

—já escrevia Joseph Hanlon em 2001

O tráfico de drogas é o maior negócio em Moçambique. O valor das drogas ilegais que passam através de Moçambique representa provavelmente mais do que todo o comércio externo legal combinado de acordo com peritos internacionais. O rendimento desta actividade, embora não declarado, deve ter hoje um enorme impacto na economia moçambicana. De facto, o fluxo de droga deve ser um dos factores que possa ser o crescimento recorde de Moçambique nos últimos anos.

O ZAMBEZE republica nesta edição um artigo do pesquisador Joseph Hanlon, tomado público em 2001 no *estranho jornal electrónico "Oleciab".* No mesmo, Hanlon analisa a economia de Moçambique dos últimos anos até então, para concluir que muito do seu crescimento era devido ao tráfico de drogas. Segue-se na íntegra o artigo, após verbos:



casual vai da Colômbia para o Brasil para Moçambique e daí para Europa e África.

interno e fazem os seus lucros à base de transacções cambiais de moedas estrangeiras, particularmente de dólares americanos. Não representam os grandes traficantes de drogas, mas sim os pequenos traficantes que procuram rotas alternativas, menos acessíveis ao controlo das agências internacionais. Moçambique passou a ser mais activo com o fim da guerra quando se restabeleceram as comunicações através do país. A longa linha costeira, com muitas ilhas e sem marinha, facilita a movimentação de droga. Os barcos sulistas e o clima de corrupção nas instituições de Moçambique são factores que

impedem a acção e a fiscalização, e o comércio pode pagar em dólares com poucas explicações a dar. Mas ao receber títulos e acções, os rendimentos passam a ser honestos. O presidente da Bolsa de Valores de Moçambique (BVM), Jucumbi Nhamandaru, disse a 7 de Junho que o tráfico de drogas é o maior crescimento da BVM era "vasto", "comércio com 3 milhões de USD e ainda não passou dez anos" — disse aos jornalistas. Hoje o valor das cinco companhias listadas na bolsa mais ou menos do mesmo e dois bancos somam 60 milhões de USD e Nhamandaru prevê chegar aos 100 milhões em Outubro. No ano passado, o BIM passou a ser a primeira companhia privada a emitir os seus

Moçambique ainda não é uma actividade secundária do comércio internacional da droga. Mas porque se trata de um país muito pobre, estas

Segundo relatório da Transparência Internacional Corrupção galopante em Moçambique

Moçambique é o 92º país mais corrupto do mundo, o 10º mais corrupto da África do Sul e o 12º mais corrupto da América Latina. Segundo o Índice de Percepção de Corrupção da TI, Moçambique é o 92º país mais corrupto do mundo, o 10º mais corrupto da África do Sul e o 12º mais corrupto da América Latina. Segundo o Índice de Percepção de Corrupção da TI, Moçambique é o 92º país mais corrupto do mundo, o 10º mais corrupto da África do Sul e o 12º mais corrupto da América Latina. Segundo o Índice de Percepção de Corrupção da TI, Moçambique é o 92º país mais corrupto do mundo, o 10º mais corrupto da África do Sul e o 12º mais corrupto da América Latina.

Moçambique é o 92º país mais corrupto do mundo, o 10º mais corrupto da África do Sul e o 12º mais corrupto da América Latina. Segundo o Índice de Percepção de Corrupção da TI, Moçambique é o 92º país mais corrupto do mundo, o 10º mais corrupto da África do Sul e o 12º mais corrupto da América Latina. Segundo o Índice de Percepção de Corrupção da TI, Moçambique é o 92º país mais corrupto do mundo, o 10º mais corrupto da África do Sul e o 12º mais corrupto da América Latina.

Moçambique é o 92º país mais corrupto do mundo, o 10º mais corrupto da África do Sul e o 12º mais corrupto da América Latina. Segundo o Índice de Percepção de Corrupção da TI, Moçambique é o 92º país mais corrupto do mundo, o 10º mais corrupto da África do Sul e o 12º mais corrupto da América Latina.

4 / ZAMBEZE DESTAQUES

Quinta-feira, 25 de Setembro de 2008

“CASO PINTO/TANDANE” JAZ NO SUPREMO DESDE MARÇO DE 1994

Roteiro dos cheques e metodologia aplicada na fraude de 4 milhões de USD

Dados os passos do ZAMBEZE indicam que o ex-CEO do BPD submeteu à Procuradoria-Geral da República uma queixa-crime contra dezesseis indivíduos indicados na prática de fraude por defloração através de transacções de cheques sem fundação no valor global de 1 988 939 449,56 MT (cerca de 3500 milhões USD ao tempo da época). O primeiro de 30.000.000,00 MT a favor de António José Pinto, o segundo de 1.221.250,00 MT a favor de António José Pinto, o terceiro de 24.000.000,00 MT a favor de António José Pinto.

Ata do Conselho de Administração do BPD, em 25 de Setembro de 1994, onde se discute a metodologia aplicada na defloração do BPD e faz uma incursão ao processo que os cheques e o Tribunal Supremo no dia 21 de Março de 1994 e que com efeito o juiz Conselheiro Relator deu visto no dia 28 do mesmo mês e ano (1994), o que marcou a abertura do processo de julgamento do caso Pinto/Tandane.

Cheques em grande número foram emitidos e foram validados e foram depositados em contas de clientes do BPD. O mesmo António José Pinto em 27 de Setembro de 1994 em nome do BPD-Manacarte valorizando 1.221.250,00 MT. Os valores foram creditados de imediato sem a presença dos mesmos quadros do BPD, Olímpia da Costa e Aníbal Manuel Simões. O relatório mencionado não indica a existência de cheques em grande número emitidos e foram validados e foram depositados em contas de clientes do BPD.

Exemplos de Informalização do Sector Formal por Via da Corrupção e Não Só ...

Quarta-feira, 11 de Setembro de 2008

TRAFFICANTES DE DROGA COM ESTATUTO DIPLOMÁTICO (3)

Negligência das autoridades moçambicanas ou estado capturado?

LEO NICHOLSON

Diplomata Salim Jassab preso na África do Sul em 2008.

O atual cônsul honorário de São Paulo em Portugal, Mohamed Salim Jassab, foi preso em Pretória depois de 15 de Agosto de 2008, na cidade de Johannesburg, África do Sul, ao posse de 15 toneladas de «cristal» - maior apreensão de drogas feita naquele país da SAJIC. Um outro relatório da Interpol, na posse deste jornalista, confirma como foi este apreensão.

Tudo começou em 2000 quando a Interpol especial e a unidade sub-áfrica «Corrupt» - unidade especializada do Departamento de Drogas e Criminalidade, para investigar a rede de tráfico de drogas.

O «surreptício» «diplomático» tem Moçambique no seu roteiro, com indícios de branqueamento de capitais. No curso das investigações jornalísticas que o ZAMBREZ está a fazer a cabo, diante do investigador sênior e investigador das autoridades, a investigação que se desenvolve é que em 2000 Estado tinha sido capturado. Carlos Cardoso já foi muito falado da investigação do Estado, e essa tese nunca rebatida, se ainda não se confirma totalmente, começa pelo menos a preocupar seriamente vários quadros e os indícios são fortes.

Durante os dias em que esteve em São Paulo, em Johannesburg, e ex-agente da «Corrupt» e ex-estabelecido da «Scotland Yard», disse ao redator de drogas da região central, a seguir à Capital, Moçambique, país localizado na África Central, e que em comum com o mesmo país tem a África de Camões, por ambos terem sido colônias de Portugal.

A Capital, Moçambique, de acordo com vários relatórios de organizações especializadas, é tida como um dos maiores transportes de drogas de África para a Europa.

Hoje, o ZAMBREZ traz à luz do dia o retrato do «diplomata» Mohamed Salim Jassab e os seus interesses empresariais, revelados no poderoso grupo AFRON, representado pelo seu colaborador.



19 de Setembro de 2008
Ano 06 - Nº 299
Preço: 20,00MT
Director: Jeremias Lengua
e-mail: opais@sooco.co.mz
www.opais.co.mz

O País

Seminário Independente - Propriedade do Grupo SOOCO

2 e 3 | Pano de fundo | O País conta-lhe como se processa a entrada (ilegal de estrangeiros no país



As rotas do tráfico de pessoas

Medicamentos para SIDA vendidos ilegalmente

Medicamentos à venda no mercado informal

... injeções são também aplicadas nas bancas, havendo fortes suspeitas de venda também de anti-retrovirais



BREVES NOTÍCIAS

18-05-2006
p1

PRM detém polícias que alugavam armas

TRÊS membros da Polícia da República de Moçambique (PRM) em Sofala encontram-se detidos há cerca de 15 dias na cadeia de máxima segurança da cidade da Beira, sob acusação de envolvimento em práticas de aluguer de armas de fogo do tipo AKM a grupos de malfieiros. Trata-se de Moisés Manguiza, 1º cabo, António Will e Mateus José, ambos guardas. Segundo a Polícia, os acusados recebiam em troca valores monetários e bens resultantes dos assaltos protagonizados pelos bandidos. A apresentação daquelas agentes foi antecedida da condenação de 39 outros polícias que se evidenciaram no desempenho das suas actividades ao longo de 2005. Entre os agraciados consta Angelina Viegas, agente afecta ao Aeroporto Internacional da Beira, por ter rejeitado um suborno que uma traficante de drogas lhe teria proposto no seu desembarque proveniente do Brasil.

Exemplos de Informalização do Sector Formal por Via da Corrupção e Não Só ...

MAGAZINE OPINIÃO/7

Editorial

Cultura de roubar tudo!

Nós, moçambicanos, precisamos de fazer um esforço tremendo para estancar o crescimento galopante que hoje se assiste da cultura de roubar tudo. Roubar tudo, sobretudo, o património público.

É simplesmente arrepiante ver as enormes escavações que se fazem em várias cidades do País à procura de cabos de telecomunicações, os quais são roubados, alegadamente, para deles se extrair cobre e vendê-lo no mercado negro.

É simplesmente vergonhoso constatar que há pessoas que, na calada da noite, vão de casa em casa desmontar e levar consigo contadores de água, sem se preocupar com as consequências desse acto macabro, deixando milhares de famílias privadas do abastecimento regular da água e forçando as empresas operadoras do sistema a incorrer em avultados prejuízos económicos.

É verdadeiramente chocante ver e tomar conhecimento de que vilas inteiras estão a ficar privadas de energia eléctrica, simplesmente, porque alguém apossado da cultura de roubar tudo entendeu desmontar cabos eléctricos e/ou desmontar transformadores de energia, a fim de os ir vender à indústria de sucata, para, dessa forma ilícita e vergonhosa, ganhar dinheiro, prejudicando não só os consumidores de energia, mas, sobretudo, enfraquecendo a capacidade da empresa responsável pelas ligações de energia que, ao invés de avançar com a electrificação de todo o País, tem de perder enormes recursos na reposição dos estragos derivados da cultura de roubar tudo.

É extremamente frustrante encontrar em contentores de sucata travessas, carris e outros materiais bastante necessários no melhoramento da capacidade de circulação ferroviária no País, mas que, em vez disso, estão a caminho de negócio ilícito para benefício de um punhado de oportunistas.

Portanto, estamos perante a dilapidação do património público com elevados custos de reposição e enormíssimo impacto negativo na capacidade do Estado de realizar mais investimentos para o benefício da população.

Estamos a viver uma verdadeira invasão da cultura de roubo em Moçambique.

Aqui rouba-se e vende-se tudo. Não se olha a meios para se ganhar, ilícitamente, dinheiro.

Esta cultura de roubo deve ser objecto de preocupação, reflexão e estudo por parte de todos nós, sobretudo das universidades que devem realizar pesquisas antropológicas, psicológicas e sociológicas para se traçar a génese e a real amplitude desta estranha cultura moçambicana de roubar tudo.

As coisas tornam-se piores quando os poucos que ainda não foram atingidos por essa estranha cultura se mantêm calados, como quem diz “Eu não tenho nada a ver com esses ladrões!”, o que é mentira, pois todos nós temos muito a ver com os ladrões em Moçambique.

Para além de os ladrões (os bandidos, os assaltantes) serem familiares de muitos de nós, eles estão a praticar actos lesivos à nossa cidadania, estão a prejudicar a todos nós, para além de estarem a disseminar uma influência social negativa e a difundir uma imagem péssima de nós e do nosso País.

A cidadania moçambicana deve levantar-se e agir no sentido de inverter o presente quadro. Isso deve acontecer a todos os níveis da sociedade, ou seja, ao nível legislativo deve haver um quadro legal extremamente desencorajador da cultura de roubar tudo. Ao nível jurisdicional, os tribunais não deveriam ter dúvidas na interpretação e punição de pessoas possuídas pela cultura de roubar tudo.

Ao nível governamental, deveria haver uma atitude ríspida em relação a pessoas envolvidas na delapidação do bem comum. Deveria haver tolerância zero para com os ladrões do bem comum, infelizmente, ainda aos magotes na nossa Administração Pública.

Ao nível cívico, todos nós deveríamos revoltar com o avanço da cultura do roubo em Moçambique e cada um de nós fazer algo contra essa cultura em sua casa, no seu local de trabalho, no “chapa”, na rua, em todo o sítio onde quer que estejamos.

Não seremos nenhum país importante no futuro se, em vez de cultura de trabalho, deixarmos avançar a cultura de roubar tudo. Não há registo de nenhum país que se fez importante no mundo através de fomento de cultura de roubo.

As referências mais conhecidas são de países que apostaram, seriamente, na cultura de trabalho, punindo, simultânea e severamente, a cultura de roubo.

Se nós queremos ser país com futuro devemos organizar seriamente e punir, em todas as suas dimensões, a cultura de roubo no nosso País.

Assim, apelamos, com veemência, aos poucos moçambicanos que ainda não roubam para se juntar num combate sem tréguas contra a dilapidação do património comum. É preciso que a parte limpa da sociedade moçambicana se imponha à parte pobre, infelizmente, em franca expansão, impedindo o seu alastramento total.

Portanto, nós não vemos como os bandidos podem acabar em Moçambique sem uma acção enérgica e contundente da parte limpa da sociedade. A parte limpa deve vir ao de cima, corrigindo a actual inversão de valores no País em que os piores estão em cima e os melhores estão em baixo.

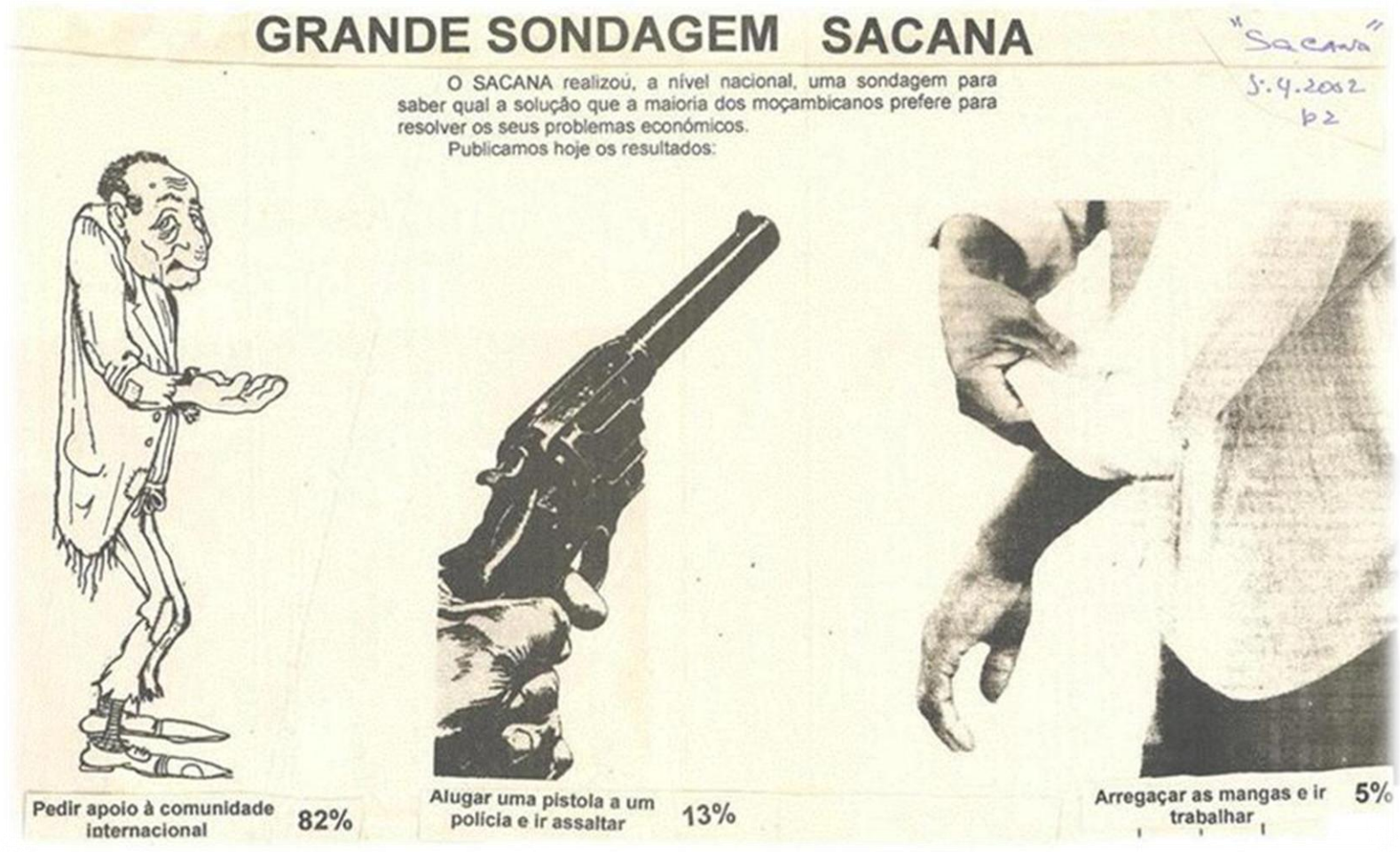
Com as coisas assim invertidas não se constrói nenhum país sério e nós gostaríamos de estar engajados num processo sério de construção de um país de que nos possamos orgulhar. Isso só pode acontecer se todos começarmos a agir para a transformação positiva deste País e isso deve começar agora mesmo, pois já vamos demasiado atrasados no combate à cultura de roubar tudo, vigente no País.

Devemos construir um país baseado em valores, valores nobres de que nos possamos orgulhar e que possamos oferecer, como herança, às futuras gerações de moçambicanos. Valores baseados na nobreza do trabalho e na detestação de formas macabras de ganhar a vida, dilapidando o património público.

Vamos todos agir rapidamente! M

Salomão Moyana (smoyana@tvcano.co.mz)

Percepção Humorística da Ajuda Internacional, Crime e Trabalho Produtivo



Qual o Valor do “capital improdutivo” Fundiário e Imobiliário Administrativamente Excluído do Universo Económico Formal?

As tabelas apresentadas nos dois slides seguintes, baseiam-se e actualizam o exercício apresentado no estudo de Francisco e Paulo (2006). O exercício aplica a metodologia de de Soto (2004) para a estimativa do valor do “capital morto”, ou capital improdutivo, em bens de propriedades rurais e urbanas em Moçambique e em Sofala, excluídas do sector formal.

De imediato, a estimativa é meramente indicativa, visto não ser fácil atribuir um valor realista a todos os activos incorpóreos existentes. Os resultados obtidos podem até ser conservadores, no sentido de subestimarem a realidade, mas pelo menos fornecem uma ideia aproximada da dimensão da propriedade fundiária e imobiliária detida ou utilizada por moçambicanos, em condições informais e extralegais.

Estimativa do Capital Improdutivo Imobiliário e Fundiário Urbano e Rural em Moçambique, 2005

	População Total (Milhões de Hab.) 2005	População Urbana (%)	Nº de Agregados	Percentagem Habitação Urbana	Habitação Urbana Informal*	Valor da Habitação Informal (10 ⁹ USD), 2005
Total do Activo Habitacional	19.5		4,374,296		4,055,095	\$15
Urbana	7.4	38%	1,423,077	84%	1,199,654	\$12
Laje, Telha e Lusalite				13.7	164,018	\$10.3
Zinco				45	536,620	\$0.673
Capim				40	481,136	\$1.508
Rural	12.1	62%	2,951,220	96.8%	2,855,441	\$2.2
Laje, Telha e Lusalite				1.1	13,080	\$0.820
Zinco				9.1	109,734	\$0.034
Capim				89.3	1,071,544	\$1.343
Urbanas Mundo	4,934	39%	1,934	387	329	\$6,740
	Áreas (milhares de ha) 2003*	Informalidade (%)	Área rural informal: terras de cultivo (milhares de ha)	Área rural informal: terras de pastoreio (milhares de ha)	Valor da área rural informal (10 ⁹ USD), 2005	
Total do Activo Fundiário Rural						
Terra arável em utilização (sem tít)	4,580	97%	4,443		\$54	
Terra arável não utilizada (H1)				12,000	\$4	
Terra arável não utilizada (H2)				12,000		
				Hipótese 1	Hipótese 2	
MOÇAMBIQUE				\$72	\$146	
	3,926,044,000		1,840,049,000	612,472,000	1,227,576,000	\$2,602,756,744,000

* CAP, 2000, áreas estimada em 3,867 milhões de hectares; FAO (2006) estima para 2003 cerca de 4,580 milhões

Pressupostos e estimativas:

	1997	2000	2005
Valor médio por habitação	\$20,489	31,162	62,678
Valor por hectate para terra de cultivo =	\$3,973	6,865	12,153
Valor/ha para terra de pastoreio e agrícola por utilizar=	\$138	184	296

Nota: Estimativas do autor, actualização Setembro 2008

Fontes: Francisco e Paulo, 2006; de Soto, 2004; MINAG, 2008; QUIBB 2001, CAP1999-2000; INE, 1999, 2006.

Estimativa do Capital Improdutivo Imobiliário e Fundiário Urbano e Rural em Sofala, 2005

	População Total (Milhões Hab.) 2005	População Urbana (%)	Nº de Agregados	Percentagem Habitação Urbana	Habitação Urbana Informal*	Valor da Habitação Informal (10 ⁹ USD), 2005
Total do Activo Habitacional	1.6		361,442		332,060	\$1
Urbana	0.7	45%	141,735	84%	119,482	\$1
Laje, Telha e Lusalite				13.7	16,336	\$1.0
Zinco				45	53,446	\$0.067
Capim				40	47,920	\$0.150
Rural	0.9	55%	219,708	96.8%	212,577	\$0.2
Laje, Telha e Lusalite				1.1	1,303	\$0.082
Zinco				9.1	10,929	\$0.003
Capim				89.3	106,723	\$0.134

	Áreas (milhares de ha) 2003*	Informalidade (%)	Área rural informal: terras de cultivo (milhares de ha)	Área rural informal: terras de pastoreio (milhares de ha)	Valor da área rural informal (10 ⁹ USD), 2005
Total do Activo Fundiário Rural					
Terra arável em utilização (sem tít)	278	98%	272		\$3
Terra arável não utilizada (H1)				1,136	\$0.3
Terra arável não utilizada (H2)				1,136	
				Hipótese 1	Hipótese 2
MOÇAMBIQUE				\$5	\$14

* CAP, 2000, áreas estimada em 278 mil hectares

Pressupostos e estimativas:

	1997	2000	2005
Valor médio por habitação	\$20,489	31,162	62,678
Valor por hectate para terra de cultivo =	\$3,973	6,865	12,153
Valor/ha para terra de pastoreio e agrícola por utilizar=	\$138	184	296

Nota: Estimativas do autor, actualização Setembro 2008

Fontes: Francisco e Paulo, 2006; de Soto, 2004; MINAG, 2008; QUIBB 2001, CAP1999-2000; INE, 1999, 2006.

Valor do “capital improdutivo” e informal em Perspectiva

- A Tabela relativa a Moçambique estima que o valor do capital improdutivo possa rondar entre 70 e 150 mil milhões de dólares. Esta hipótese distingue o valor da terra em utilização da grande maioria (cerca de 95%) por utilizar; ou seja, que está totalmente fora do mercado formal.
- A Tabela relativa a Sofala estima que o valor do capital improdutivo possa rondar entre 5 e 15 mil milhões de dólares.

70 a 150 mil milhões de US dólares de capital improdutivo em Moçambique?

70 mil milhões USD representa:

- ≈ 10 vezes + que o PIB 2005 de Moçambique
- ≈ 33 vezes + que as exportações de bens e serviços (33% do PIB em 2005).
- ≈ 175 vezes + que as entradas líquidas de investimento directo estrangeiro em 2005 (1,6% do PIB).

5 a 14 mil milhões de US dólares de capital improdutivo em Sofala?

5 mil milhões USD representa:

- ≈ 8 vezes + que o PIB 2005 de Sofala
- ≈ 2 vezes + que as exportações de Moçambique em 2005
- ≈ 12 vezes + que as entradas líquidas de investimento directo estrangeiro em 2005 (1,6% do PIB).

Matriz das Actividades do Multiverso Económico em Sofala 2007



Considerações Finais

A apresentação que acabo de fazer, revela que a análise da Economia de Sofala, tanto pode ser um exercício simples, como complexo e difícil. Ser complexo não significa necessariamente ser complicado ou confuso. De igual modo ser simples também é diferente de ser simplista. É possível entender-se coisas tão complexas, como por exemplo a origem e evolução do universo; basta que usemos modelos explicativos e teorias científicas correctas, adequadas e elegantes na forma como explicam a estrutura da realidade, para além da aparência dos fenómenos.

Nesta apresentação tive que simplificar e tocar superficialmente os assuntos. Contudo, espero que tenha sido suficiente, para perceberem que a avaliação da dinâmica e do desempenho económico macroeconómico nacional ou provincial, depende mais do modelo de abordagem utilizado, do que dos dados. Numa perspectiva simplista, seria possível apresentar uma imagem ou uma fotografia sobre a economia de Sofala de forma bonita, bem-parecida, mas irrealista e fingida. Tal simpatia tanto para mim como para a audiência teria um preço - sacrificar a franqueza analítica e um resultado verdadeiro e realista. Sacrificaria e perderia também a oportunidade de desafiar os estudantes da Universidade de Jean Piaget a fazerem um esforço franco e competente, na análise da realidade económica actual.

Considerações Finais

Defendo que a expressão “economia de mercado”, vulgarmente atribuída à economia actual de Moçambique, só tem servido para ocultar o processo e dinâmicas de crescente informalidade, a conjugação de diversos sistemas económicos, em vez da expansão e consolidação de sistema de economia capitalista produtivo e inclusivo.

Neste contexto, as teorias económicas que temos utilizado, tanto as convencionais (e.g. clássica ou neoclássica) como as críticas, nomeadamente a teoria marxista-leninista, tornaram-se cada vez mais incapazes de fornecer uma economia política adequada à explicação da economia de Moçambique de hoje.

Defendo a ideia de “bazarconomia”, em que a economia nacional será entendida como um bazar multiverso, um universo de múltiplos sistemas económicos reflexivos, que existem como organismos relativamente autónomos mas se articulam e influenciam mutuamente.

Principais Referências Bibliográficas

- Assembleia da República. 2004. *Constituição da República 2004*. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique.
https://www.govnet.gov.mz/docs_gov.
- Castel-Branco, Carlos Nuno. 2008. Aid Dependency and Development: a Question of Ownership? A Critical View, Working Paper nº 01/2008, Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE),
<http://www.iese.ac.mz/lib/publication/AidDevelopmentOwnership.pdf>.
- Covey, Stephen R. 2005. *O 8º Hábito: Da Eficácia à Grandeza*. Lisboa: Editora Campus.
- De Soto, Hernando. 2002. *O Mistério do Capital: Porque Triunfa o Capitalismo no Ocidente e Fracasso no Resto do Mundo*. Lisboa: Notícias Editorial.
- Deutsch, David. 2000. *A Essência da Realidade*. São Paulo: Makron Books.
- Diniz, Francisco. 2006. *Crescimento e Desenvolvimento Económico: Modelos e agentes do progresso*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Direção Nacional do Plano e Orçamento (DNPO). 2000. *Perfil Provincial de Pobreza e Desenvolvimento Humano, Sofala*. Maputo: Ministério do Plano e Finanças
- Fonseca, Thiago. 2004. *Bazarketing: Segredos da publicidade e do marketing em mercados emergentes*. Maputo: Ndjira.
- Francisco, António e Margarida Paulo. 2006. Impacto da Economia Informal na Protecção Social, Pobreza e Exclusão: A Dimensão Oculta da Informalidade em Moçambique”, Cruzeiro do Sul, Instituto de Investigação para o Desenvolvimento José Negrão, http://www.iid.org.mz/impacto_da_economia_informal.pdf.
- Galbraith, John Kenneth. 2004. *A Fraude Inocente. O Crescimento das grandes empresas e o futuro da democracia*. Cascais: Gestão Plus Edições.
- Hamela, Hipólito. 2003. *Moçambique: Economia de Mercado ou Socialismo do Capital?* Maputo: Ndjira.
- Hodges, Tony e Roberto Tibana. 2005. *A Economia Política do Orçamento em Moçambique*. Lisboa Principia.
- INE (Instituto Nacional de Estatística). 1999. *Anuário Estatístico 1989, Província de Sofala*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (Instituto Nacional de Estatística). 2002. *Censo Agro-pecuário 1999-2000*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (Instituto Nacional de Estatística). 2003. *Anuário Estatístico 2003, Província de Sofala*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.

Principais Referências Bibliográficas

- INE (Instituto Nacional de Estatística). 2004. *Projeções da População Considerando o Impacto do HIV/SIDA*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (Instituto Nacional de Estatística). 2008. *Banco de Dados do PIB*, <http://www.ine.gov.mz/>.
- Kaku, Michio. 2006. *Mundos Paralelos: Uma viagem através da criação, dimensões superiores e o futuro do cosmos*. Lisboa: Editorial Bizâncio.
- Marx, Karl. 1859. *Contribuição para a Crítica da Economia Política*, <http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/contcriteconpoli/index.htm>).
- MPD (Ministério da Planificação e Desenvolvimento). 2007. *Estratégia do Desenvolvimento Rural*. Aprovada pelo Conselho de Ministros a 11 de Setembro de 2007. Maputo, Dezembro de 2007. <http://www.ruralmoc.gov.mz/EDR.htm>,
- Mondlane, Eduardo. 1997. *Lutar por Moçambique*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- Mosca, João. 2005. *Economia de Moçambique: Século XX*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Newitt, Malyn. 1995. *História de Moçambique*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América.
- Sen, Amartya. 1999. *O Desenvolvimento como Liberdade*. Lisboa: Gradiva.
- Soros, George. 1999. *A Crise do Capitalismo Global: A Sociedade aberta Ameaçada*. Lisboa: Temas e Debates.
- Soros, George. 2008. Os Novos Paradigmas para os Mercados Financeiros: a crise de crédito de 2008 e as suas implicações. Coimbra: ALMEDINA (Ver “Introduction”, in http://www.georgesoros.com/files/Soros_Intro.pdf.)
- The Heritage Foundation. 2008. *Index of Economic Freedom*, <http://www.heritage.org/research/features/index/countries.cfm>
- Toffler, Alvin e Heidi Toffler. 2006. *A Revolução da Riqueza: Como será criada e como alterará as nossas vidas*. Lisboa: Actual Editora.
- UNDP (United Nations Development Programme). 2000. *Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano 1999, Moçambique - Crescimento económico e desenvolvimento humano: progresso, obstáculos e desafios*. Maputo: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
- UNDP (United Nations Development Programme). 2007. *Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008*. Coimbra: Edições Almedina, SA.
- Welch, Jack e Suzy Welch. *Vencer*. Lisboa: Actual Editora.